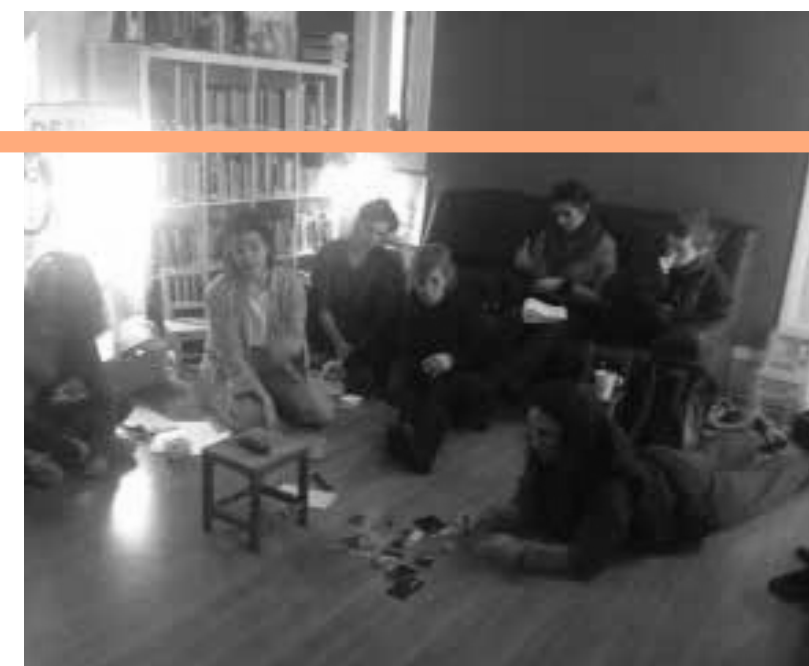
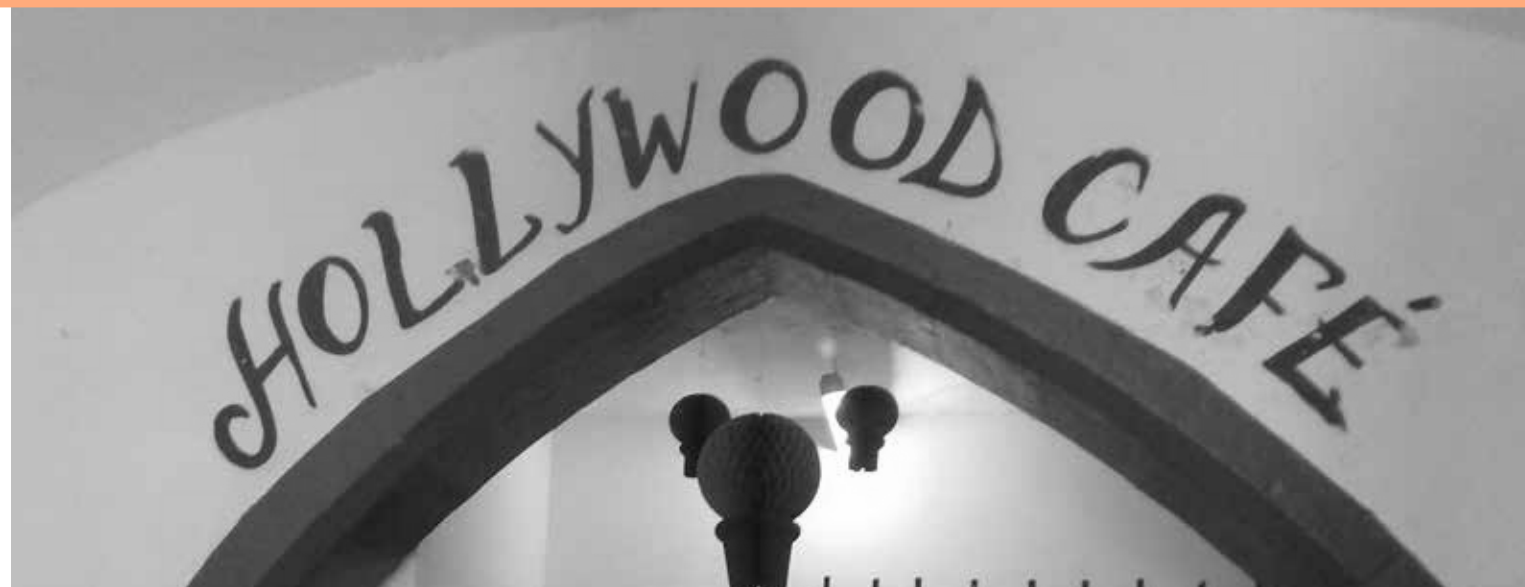


# CRIAR CORPO, CRIAR CIDADE VOL.2

ANA ESTEVENS  
FILIPE MATOS  
SOFIA NEUPARTH  
(COORD.)







# SEMINÁRIOS CRIAR CORPO CRIAR CIDADE





# FICHA TÉCNICA

## TÍTULO

CRIAR CORPO CRIAR CIDADE vol.2

## COORDENAÇÃO

Ana Estevens, Filipe Matos  
e Sofia Neuparth

## AUTORES

Ricardo Venâncio Lopes, Pedro Costa,  
Agustín Cócola-Gant, Ana Gago,  
Ana Jara, Mariana Viana, Julia Salem,  
Daniel Paiva e Iñigo Sánchez

## DESIGN

Susana Gama

## IMAGEM DA CAPA

Ana Estevens

## EDIÇÃO

Centro de Estudos Geográficos, Instituto  
de Geografia e Ordenamento do Território,  
Universidade de Lisboa

## ISBN

978-972-636-283-8

## DOI

10.33787/CEG20190024



Lisboa, Julho de 2019

Este livro é publicado como resultado da 2ª edição dos seminários de investigação CRIAR CORPO CRIAR CIDADE, organizados em parceria entre o projeto Ágora - Encontros entre a Cidade e as Artes: Explorando Novas Urbanidades [PTDC/ATP-GEO/3208/2014] e o c.e.m. - centro em movimento.

Este livro é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia I.P. (UID/GEO/00295/2013).



# ÍNDICE

**05** **CRIAR CORPO CRIAR CIDADE**  
ANA ESTEVENS, FILIPE MATOS E SOFIA NEUPARTH

**07** **PERCEPÇÕES E CONFLITOS  
NO ACESSO À CIDADE:**  
A RELEVÂNCIA DOS AMBIENTES CULTURAIS  
NOS PROCESSOS DE ACTIVAÇÃO SOCIAL  
RICARDO VENÂNCIO LOPES E PEDRO COSTA

**17** **AIRBNB, INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO  
E A CRISE DE HABITAÇÃO EM LISBOA**  
AGUSTÍN CÓCOLA-GANT E ANA GAGO

**25** **O CASO DA COLINA DE SANTANA**  
HISTÓRIA DE UMA DUPLA PRIVATIZAÇÃO  
ANA JARA

**31** **CORPO-DOCUMENTAÇÃO**  
MARIANA VIANA

**38** **ALTERIDADE URBANA**  
ERRÂNCIA COMO MÉTODO  
JULIA SALEM

**44** **A RESSONÂNCIA DO TURISMO  
EM LISBOA**  
DANIEL PAIVA E IÑIGO SÁNCHEZ

**49** **BIOGRAFIAS**

# CRIAR CORPO CRIAR CIDADE

ANA ESTEVEENS, FILIPE MATOS, SOFIA NEUPARTH

Ao longo dos anos as cidades têm sido palco de inúmeras transformações e deformações, que têm transformado e deformado os corpos. Os tempos têm sido rápidos e a precipitação para a obtenção de lucro ainda mais rápida. Temos acompanhado estas mudanças: as praças e miradouros fechados e privatizados à revelia dos habitantes, os habitantes despejados das suas casas, o ruído das obras, do trânsito e das mudanças que não dão descanso, os movimentos que levam corpos para longe dos seus espaços mais familiares porque as rendas são agora incomportáveis e os movimentos opostos que trazem para dentro da cidade quem pode economicamente habitá-la e usufruí-la. Várias alterações legislativas dos últimos anos [Regime fiscal para os residentes não habituais - 2009; Regime jurídico dos fundos de investimento imobiliário - 2010; Lei do arrendamento urbano (Lei nº31/2012); Vistos Gold - 2012; Regime Excepcional para

a Reabilitação Urbana - 2014] favoreceram o aumento do valor do solo, dos preços da habitação e têm provocado o despejo de habitantes da cidade, sem condições financeiras para pagar os novos preços das rendas. O mercado imobiliário foi desregulado e impulsionado, atraindo, assim, novos proprietários, ao mesmo tempo que alguns espaços adquiriram uma nova aura, passando a destinar-se, essencialmente, a turistas e visitantes.

No meio destas mudanças, perguntas vão surgindo, também, com maior rapidez, tornando cada vez mais premente a necessidade de uma reflexão maior e mais demorada. O CRIAR CORPO CRIAR CIDADE<sup>1</sup> surgiu desta necessidade de demora, de encontro e de reflexão.

1 - CRIAR CORPO CRIAR CIDADE é um conjunto de seminários de investigação organizados em parceria entre o projecto Ágora: Encontros entre a Cidade e as Artes: Explorando novas Urbanidades [PTDC/ATP- GEO/3208/2014] e o c.e.m. - centro em movimento. A proposta destes seminários é abordar a cidade (espaço, lugar e habitabilidade) na sua relação com o movimento do corpo (sensação, percepção e gesto), privilegiando-se uma matriz de pensamento crítico e uma perspectiva multidisciplinar na relação da arte com a cidade.

Assistimos diariamente a este tipo de mudanças: o que hoje era, amanhã já não está lá! Definem-se novas imagens para os lugares, descontextualizadas, aumentando a sua superficialidade e criando imagens e imaginários que se tornam mundos paralelos à realidade. Os discursos sobre a cidade e sobre a forma como é produzida têm privilegiado a construção de uma trama narrativa que perverte uma realidade invisível. Só se vê a cidade bonita, turística, pensada à medida, produzida com a pressa de chegar mais rapidamente a um futuro desenhado. A exclusão, a segregação, a precarização, a estigmatização ou a fragmentação aparecem distantes a quem olha. É a imagem que se quer projectada para fora que é visível. É a cidade cosmopolita, vibrante, 'espectacular' que despolitiza os espaços e os corpos, acentuando eufemismos e antagonismos, e empurrando-os para uma neutralidade cada vez mais evidente como se de um vazio se tratasse.

Como uma mancha gigantesca que escorre sem olhar por onde, a destruição da Lisboa que conhecíamos até há pouco mais de dez anos varre o quotidiano, fazendo aparecer cenários que pretendem seduzir e capturar quem os use e pague por isso. Alimenta-se, assim, mais e mais a venda de tudo o que se possa imaginar, da casa ao palácio, da ruína à estação de comboios, da loja de família ao armazém centenário... quem habitava a cidade foi escorraçado para outro lugar ou fugiu para a “terra” mesmo que a “terra” sempre tenha sido Lisboa. Quem mora no centro de Lisboa são os ocupantes dos alojamentos locais (AL), e os poucos que ainda estão nas suas casas irritam-se contra tudo o que mexe, fatos dos abusos de tudo, como a poluição cruel dos paquetes ou o som estridente dos cafés e dos bares, ou dos trolleys que rolam pela calçada. Nesta massificação onde as estruturas não aguentam, o lixo acumula-se em cada esquina, porque a cidade cortou as ligações com quem a ama.

Em todos os cantos mora gente sem tecto. Gente que já não corresponde ao estereótipo do toxicodependente, do louco ou do bandido. Gente que não consegue pagar a sua renda mesmo que tenha o luxo de ter um emprego com contrato... gente-qualquer. Corpos constantemente filmados, fotografados e desconsiderados. As proibições aumentam, o espaço público é retirado da fruição comum e em cada canto brilham luzes coloridas exibindo tradições que nunca existiram. E no meio deste caos vertiginoso, a Lisboa escondida por baixo da Lisboa forçada a vender-se teima em respirar em ruelas escondidas, em beirais coroados de papoilas e em sorrisos sinceros. A demora convida ao aparecer da cidade emudecida, dos corpos possíveis que criam espaços onde se pode existir.

Foi neste contexto, que CRIAR CORPO CRIAR CIDADE continuou a sua viagem de encontro e reflexão trazendo lado a lado experiências, vivências e considerações diversas que nutrem a possibilidade de desentupir discursos

já banalizados e abrem brechas para que uma outra experiência de cidade possa vibrar e que os corpos possam confiar em formas de ser-estar-fazer que não reduzem e miserabilizam a humanidade.

Esta 2ª edição do CRIAR CORPO CRIAR CIDADE percorreu caminhos que nos levaram aos contextos mais periféricos da cidade, abordámos o seu centro e as dinâmicas do investimento imobiliário, da privatização, da turistificação e da especulação, aprofundámos o conhecimento sobre a presença do corpo no espaço e sobre outras formas de estar. Para que estas reflexões fossem possíveis, contámos com a presença do Ricardo Venâncio Lopes, do Agustín Cocola-Gant, da Ana Jara, da Mariana Viana, da Julia Salem, da Rita Fouto e do Daniel Paiva que partilharam connosco as suas experiências e conhecimento<sup>2</sup>. Continuámos este diálogo colectivo abrindo espaços de reflexão e ressonância em cada um(a) que agora partilhamos neste e-book de acesso aberto a todos.

<sup>2</sup> - É possível escutar as apresentações e debates em <https://agoraprojecto.wordpress.com/criar-corpo-criar-cidade>.



# PERCEPÇÕES E CONFLITOS NO ACESSO À CIDADE

A RELEVÂNCIA DOS AMBIENTES CULTURAIS  
NOS PROCESSOS DE ACTIVAÇÃO SOCIAL

**RICARDO VENÂNCIO LOPES  
E PEDRO COSTA**



# PERCEPÇÕES E CONFLITOS NO ACESSO À CIDADE

## A RELEVÂNCIA DOS AMBIENTES CULTURAIS NOS PROCESSOS DE ACTIVAÇÃO SOCIAL

RICARDO VENÂNCIO LOPES<sup>1</sup>  
E PEDRO COSTA<sup>2</sup>

Os processos artísticos têm tido desde sempre um papel relevante contra sistemas tidos como “dominantes” da sociedade, contribuindo para a afirmação de alguns espaços da esfera pública - físicos ou virtuais - como palcos de luta e de afirmação de contra-cultura.

Partindo de duas abordagens de investigação-acção, desenvolvidas pelos autores e diversos actores da socie-

dade civil, no Barreiro e em Lisboa (*Espaço para habitar, 2018*<sup>3</sup>; *Chelas City, 2016-2019*<sup>4</sup>), pretende-se olhar para o papel que os processos artísticos contemporâneos podem ter na construção crítica / política da opinião pública. Entre Chelas e o Barreiro desenhou-se a utopia de uma terceira ponte sobre o Rio Tejo. Apesar da infraestrutura nunca se ter concretizado, outros factores têm transformado estes territórios, de forma mais

subtil, em particular a afirmação da cultura informal e alternativa nas vivências e dinâmicas quotidianas do território. Interessa-nos discutir como a cultura / arte têm contribuído como factor de resistência e transformação política, sociocultural, física, ecológica e económica destes territórios. Em paralelo, procura-se questionar como acções artísticas a uma micro-escala de actuação podem impactar uma sociedade civicamente mais participativa e consciente; contribuindo para (re)estruturar as percepções que se têm sobre determinado território e população.

1 - Departamento de Economia Política / DINAMIA'CET-IUL ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa  
Av. Forças Armadas, 1649-026, Lisboa, Portugal. ricardovenanciolopes@gmail.com

2 - Departamento de Economia Política / DINAMIA'CET-IUL ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa  
Av. Forças Armadas, 1649-026, Lisboa, Portugal. pedro.costa@iscte.pt

3 - Ricardo Venâncio Lopes e Pedro Costa / participantes que estimularam, discutiram, dançaram e construíram a intervenção artística.

4 - Jovens e habitantes da zona J (Chelas), equipa dos Bababaga Studios (Diogo Cardoso, Luciana Maruta, Ricardo Venâncio Lopes e Sofia da Palma Rodrigues) e equipa do projecto Dá-te ao Condado E6G (Associação Aguiñenso).





INSTALAÇÃO  
PEDRO COSTA  
RICARDO VENÂNCIO LOPES

PARCERIA COM  
BAGABAGA STUDIOS  
TEB-TEATRO DE ENSAIO DO BARREIRO  
LUZ MAIA

FAZ-NOS CHEGAR OS TEUS OBJECTOS E MEMÓRIAS QUE SE RELACIONEM COM O BARREIRO.  
VÍDEOS DE INFÂNCIA, FOTOGRAFIAS, NAPERONS... E, TODA A COLECTÂNEA DE PERTENCES  
CARREGADOS DAS ESTÓRIAS QUE TE LEMBRARES

email: [habitarbrr@gmail.com](mailto:habitarbrr@gmail.com)  
entrega os teus objectos na ADAO, Rua da Recosta 1, Barreiro, diariamente entre as 15h-19h

[1]  
Flyer da intervenção  
*Espaço para Habitar,*  
*BRR 7.4.18*

### Espaço para habitar BRR 7.4.18

Habituámo-nos, nos últimos 40 anos, às constantes notícias sobre a criminalidade na ‘Margem Sul’ e, mais especificamente, no Barreiro. Lugar para lá da ponte, de gente desamparada entre a realidade pós-industrial e a descolonização.

Em 2018, respondemos à call lançada pela ADAO<sup>5</sup> que pedia o envio de propostas artísticas para o *OPEN DAY 08*. A proposta, intitulada *Espaço para habitar, BRR 7.4.18.*, pretendia compreender as micro-alterações de percepções territoriais sobre a cidade, a partir de uma abordagem de investigação-acção.

O *flyer*, distribuído no Facebook, através de emails e em diversos espaços culturais, lançava o desafio para a (re-) construção, numa sala vazia, de um imaginário colectivo da cidade.

5 - ADAO - Associação Desenvolvimento Artes e Ofícios.

Para chegar à sala de exibição, era preciso subir a íngreme e esguia escada da torre do antigo Quartel dos Bombeiros Ferroviários Sul e Sueste, actualmente sede e palco da actividade da ADAO. Competindo por espaço e luz nas paredes, uma série de palavras<sup>6</sup> criavam uma primeira atmosfera que nos transportava para territórios, imaginários, gentes e momentos marcantes. Escrito a tinta fluorescente e iluminado por lanternas de luz negra o, ‘PREC’<sup>7</sup> tinha como vizinho o ‘Kriol’, a ‘utopia’ e o ‘rock’, ressignificando este Barreiro do século XXI. No cimo das escadas, no pequeno patim, um espelho reflectia o que tinha ficado para trás.

6 - A “rapsódia” de palavras foi elaborada por Ricardo Venâncio Lopes, Pedro Costa e Sofia da Palma Rodrigues.  
7 - Processo Revolucionário em Curso.

[2]  
“Rapsódia” de palavras - *Espaço para Habitar, BRR 7.4.18*







Os participantes foram convidados a (re)visitar vivências do passado e, com elas, a construir possibilidades desconexas e misturadas. A ausência de uma folha de sala, e de directrizes sobre como experimentar a instalação, desafiava à participação.

Não havia um objecto exposto para ser admirado, mas sim possibilidades múltiplas que convidavam quem participava a vivê-las: bancos para sentar; livros proibidos e 'alinhados'; quadros nas paredes; filmes censurados; vídeos de infância para espreitar atrás das cortinas; poltronas para recostar e debater; um copo de vinho para digerir ao som de músicas que embalavam memórias.

Dias antes, pequenos trechos de imaginários tinham sido entregues, a título de exemplo, a actores<sup>8</sup> convidados. Por detrás das estantes, entre as cortinas negras, um actor e um participante (por vezes os papéis imiscuíam-se) ocupavam as duas cadeiras resguardadas à janela. O que se passava para lá da janela, entre visões e ficções, era o mote para início de conversa.

<sup>8</sup> - Ricardo Ribeiro, Nuno Antunes e Luz Maia, entre outros que assumiram o lugar de forma informal ao longo da noite.

[3]

*Espaço para Habitar,  
BRR 7.4.18*

*- O Manel está outra vez desempregado. Coitada da dona Lurdes. Aquilo desde que a CUF fechou o homem nunca mais conseguiu nada de jeito... trabalha uns meses, mas nunca se endireita... burro velho não aprende línguas, não é como eles dizem?*

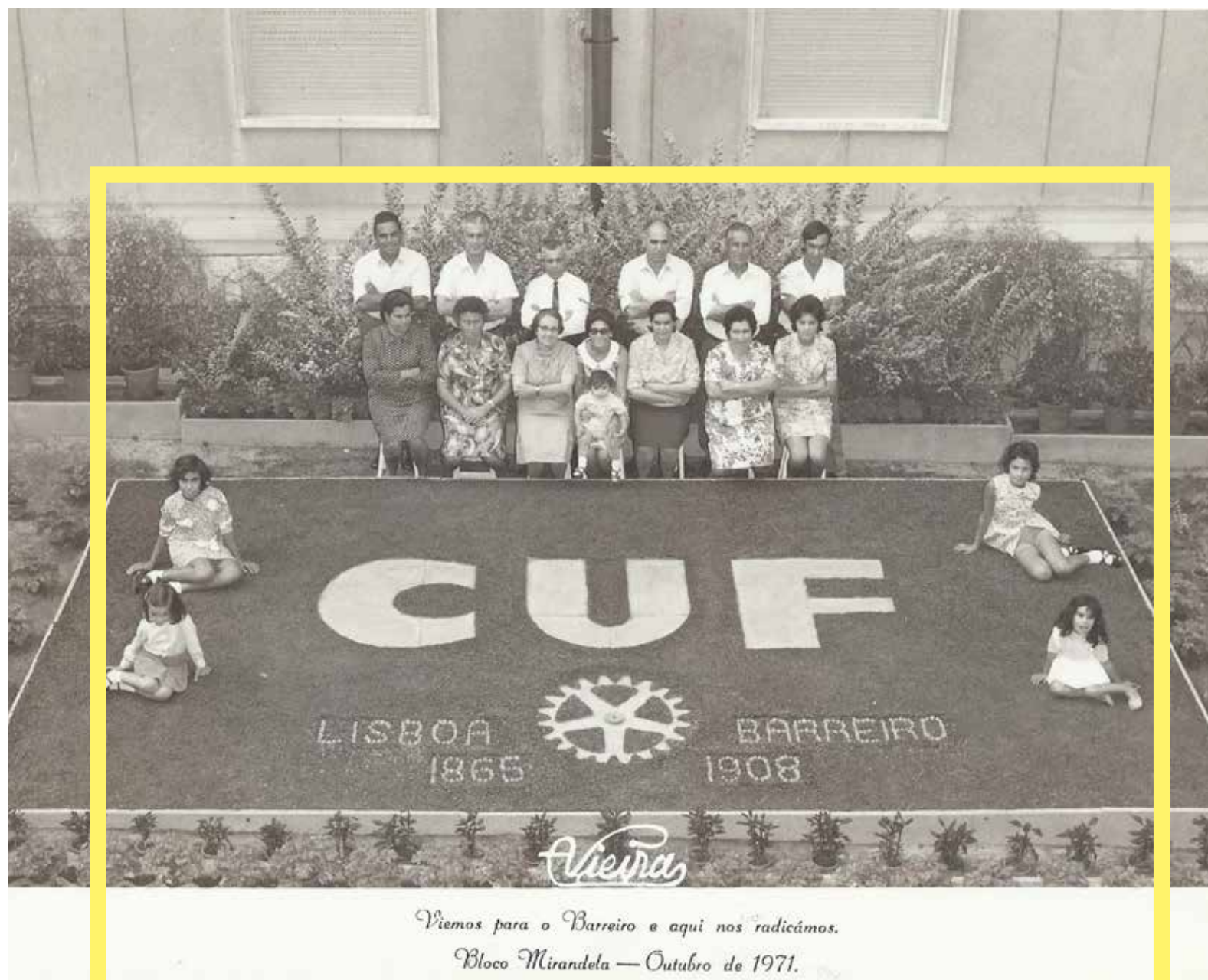
*- Olha a telenovela já acabou... Ali a Sónia vem sempre fumar um cigarro à janela no intervalo...*

*- Desde que vieram os retornados, esta terra não é a mesma... eles não compreendem como era isto aqui... trouxeram as coisas deles, as culturas deles, as comidas deles, mas não compreendem o que era o Barreiro antes deles... as fábricas, a vida toda... havia aqui de tudo, até cinema! Era como uma aldeia, tudo funcionava, e sabíamos que havia alguém que tomava conta de nós.*

Os microfones, colocados no espaço à vista de todos, gravaram as várias horas de conversa: o saudosismo de outros tempos, as memórias de infância, os sonhos para o futuro da cidade, foram os temas recorrentes. Assim, ficaram registadas vidas, memórias e pós-memórias (Hirsch, 1997) de nostálgicos do Estado Novo, apoiantes e dirigentes do Partido Comunista Português, funcionários, filhos e netos das fábricas, retornados (como eram pejorativamente apelidados) das "colónias ultramarinas", novos residentes, visitantes e turistas.

No Barreiro encontrámos uma memória pulsante de outras épocas. Tempos em que o sonho se compunha de pujança industrial. De engrenagens movidas a diesel e fumo branco que desenhava o céu pouco azul de milhares de operários da Fábrica. Gentes aparentemente silenciadas, mas com aptidão para a luta.





[4]

(Vieira, 1971) Vimos para o Barreiro e aqui nos radicámos, Vieira, Bloco Mirandela

A 'fábrica' era como uma família. Os ideais paternalistas implementados por Alfredo da Silva na CUF<sup>9</sup> ofereciam aos funcionários, fugidos à fome dos campos, condições semelhantes à de um Estado Social, inexistente à época no país. Apesar disso, os gostos e as tendências dividiam-se. Encontrava-se de tudo na Fábrica, dos funcionários alinhados ao regime ditatorial, aos que utilizavam a união operária para introduzir ideais políticos subversivos. Gentes chegadas de várias regiões, que nos

9 - Companhia União Fabril

[5]

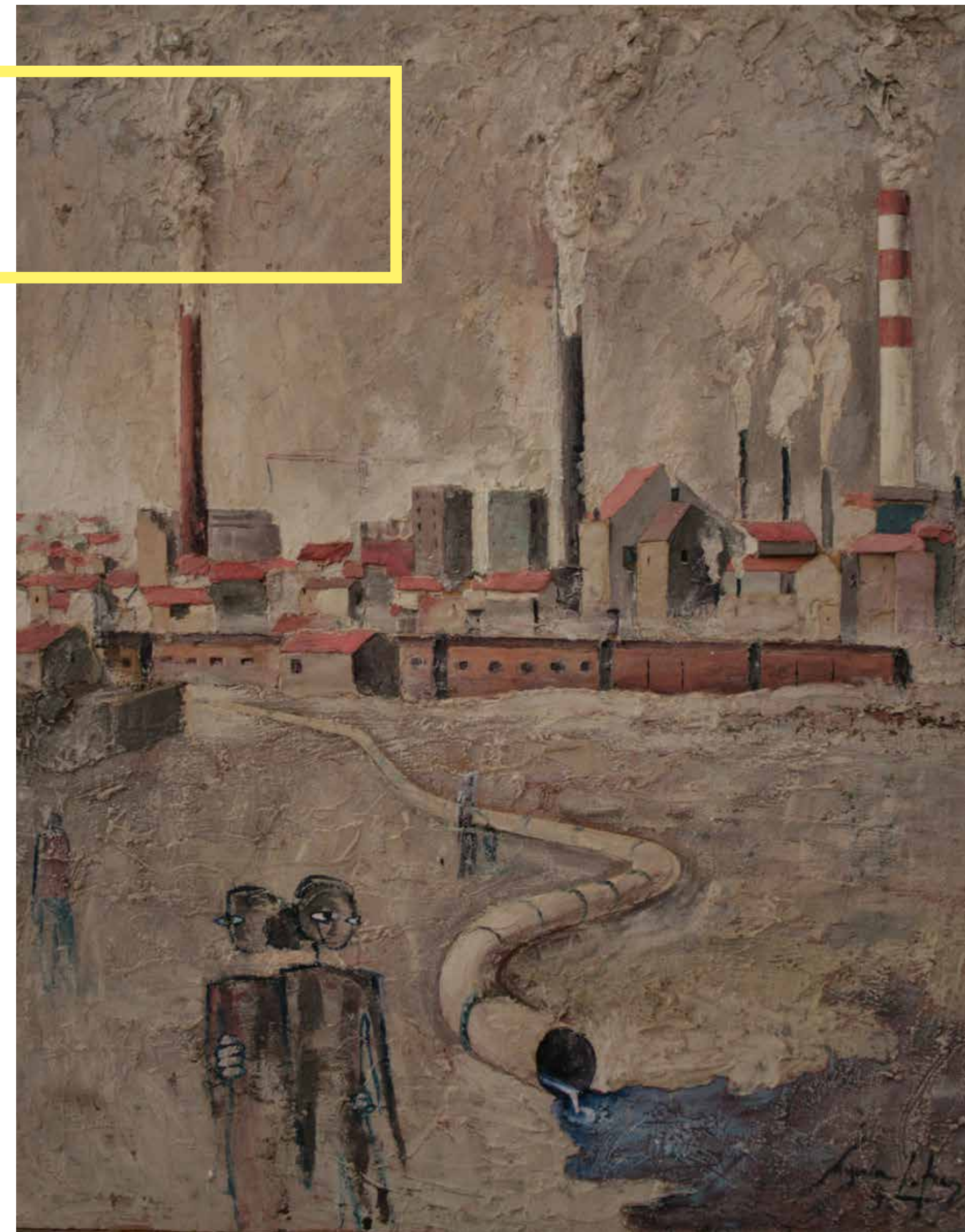
Comboio no Barreiro,  
Nogueira Lopes, 1980

tempos livres se reuniam em associações e colectividades, agitaram a cidade e o país.

O Barreiro, no final do século XX, era um território expectante, o auge populacional da década de 1980 corresponderá a um período de redefinição do país. A cidade estava à época altamente poluída.

Chegados os anos 1990, as utopias passaram a assentar nos "mega-projectos nacionais" financiados pela entrada na Comunidade Económica Europeia (CEE). A majestosa dinâmica industrial do Barreiro torna-se uma memória só acessível aos mais velhos. A cidade passa a ser igual a tantas outras: apresenta-se como suburbana, os movimentos pendulares para Lisboa tornam-se marcantes para a população activa.

*(...) a injustiça do esforço diário, burro, rotineiro. Essa injustiça. A injustiça que todos calamos, diariamente, a caminho do trabalho, no café bebido no barco, no jornal gratuito abandonado no banco do comboio, no bolo de arroz mastigado e engolido à pressa, aquele bocado que dói e custa a ir para baixo e o copo de água para empurrar o tédio (Amaral, B. V., 2017, pp.50).*





Nos últimos anos uma série de agentes culturais, essencialmente endógenos, associados à tradição associativa local (p.e. ADAO), mas articulados com processos globais, têm contribuído para alterar percepções sobre a cidade e as suas gentes (Costa e Lopes, 2018).

A contemporaneidade é uma marca que não se cose em poucas linhas. *Espaço para habitar* possibilitou-nos colectivamente ligar alguns pontos da História, perceber histórias e expectativas diversas e individuais. Com esta intervenção artística, não se pretendia chegar a uma história única, nem isso seria possível, porque cada pessoa que ‘habitou’ este espaço reflectiu sobre a ‘sua’ cidade. Uma tentativa desse género não seria mais do que criar uma fábula semelhante às que vemos contadas nos guias turísticos e comerciais [Debord, 2012 (1972)].

[6]

*Barco fora de água*, Ricardo Venâncio Lopes, 2018



[7]

*Zona J*,  
Bagabaga  
Studios



### Chelas City

“Zona J, Chelas, é a capital de Lisboa. Lisboa é a capital do país”. Estas não são palavras nossas, quem as diz é Carlos Djassi, mais conhecido por Bambam. Bambam nasceu na Zona J<sup>10</sup> na viragem dos anos 80 para os 90. ‘A capital de Lisboa’ foi planeada e construída pelo Estado Português entre 1975-78. Após algumas alterações às motivações iniciais, serviu para (re)alojar a população que vivia nas casas ‘informais’ das imediações. Populações que ali tinham encontrado, ao longo do século XX, o espaço para se instalarem, entre arrabaldes e baldios de antigas quintas às portas de Lisboa. Vinham sobretudo do interior do país e dos territórios que Portugal explorou em África até 1974 - eram os filhos do êxodo rural e da descolonização.

10 - A Zona J, chama-se actualmente Bairro do Condado, neste artigo optou-se pelo nome usado por aqueles que habitam o bairro.

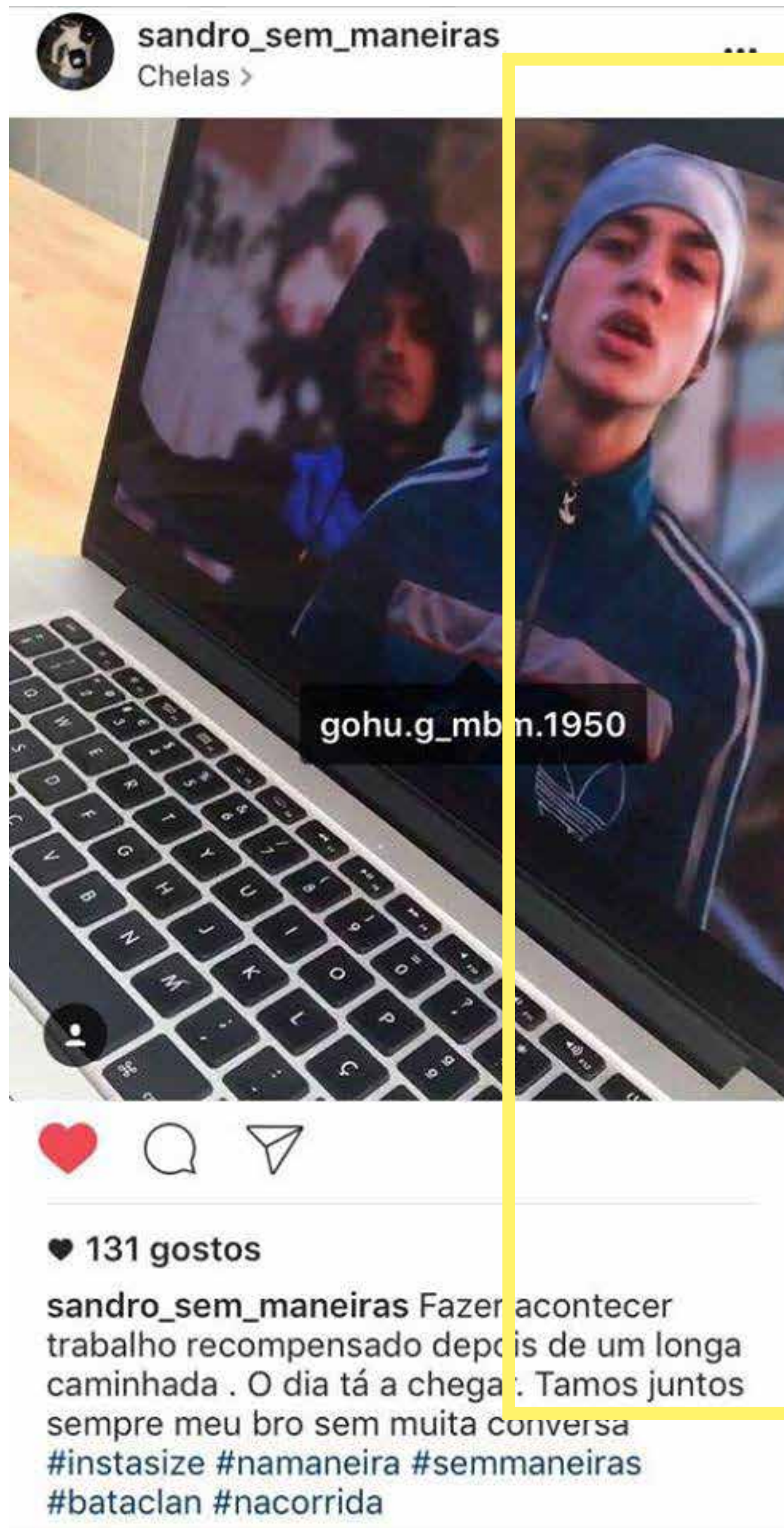
Rapidamente se tornou local de segregação para os de fora e de protecção para os de dentro. A representação genérica e mediática do território é problemática - local de tráfico e problemas sociais - e opõe-se às percepções dos que lá vivem - lugar de família e de relações de proximidade.

“- (...) *Tu tens medo de viver aqui?* (Ricardo Esteves Ribeiro, Fumaça)”<sup>11</sup>

- “*Não... medo não. Aqui estamos mais que em casa, mesmo, fogo. Aqui é o nosso paraíso, habituaram-me a crescer assim, foi assim que eu aprendi. E, para mim sempre foi e sempre será o meu paraíso.* (Carlos Djassi)”

11 - Entrevista realizada por Sofia da Palma Rodrigues e Luciana Maruta (Bagabaga Studios); Ricardo Esteves Ribeiro e Maria Almeida (Fumaça). <https://vimeo.com/268490761> <https://fumaca.pt/repotagem-chelas-city-a-capital-de-lisboa/>





[8]  
Produção *Chelas City*, Bagabaga Studios

"Chelas City" é o nome da primeira canção rap que os jovens da Zona J, em Chelas, nos deram a conhecer e também a designação que adoptámos para a intervenção neste território. Assim, "Chelas City" assume características muito diversas de 'Espaço para habitar. BRR 7.4.18'. Ao contrário da intervenção no Barreiro, que decorreu durante uma noite, esta é uma investigação-acção realizada continuamente ao longo de três anos - iniciou-se em 2016 e continua até à data. Uma acção desenvolvida com tempo e no tempo, que tem assistido à transformação de um grupo de jovens. Um trabalho onde a cooperação entre os envolvidos tem altos e baixos - momentos intensos, afastamentos, onde o conceito de participação tem sido testado, discutido e posto em causa.

Em comum, ambas as investigações-acção, pretendem entender como as percepções / representações sobre o Barreiro e Chelas se construíram ao longo do século XX e se têm transformado na contemporaneidade. Em paralelo, ambas tentam compreender as dinâmicas de auto-representação dentro das várias camadas de codificação e segregação que compõem estes contextos urbanos periféricos.

Nos últimos anos, seguindo uma tendência internacional, a Zona J tem sido palco de variadíssimos projectos 'participativos', de índole sociocultural, com intuitos variados, mas onde a redução da exclusão social é transversalmente o objectivo. Ao chegarmos ao bairro esse foi o primeiro desafio: aproximarmo-nos de jovens que estão cansados deste tipo de projectos que vão e vêm.



Começámos por nos apresentar e pedir para que nos mostrassem o bairro: quais os seus espaços, barreiras, símbolos, uma procura que se mantém até hoje em cada visita ao bairro. Juntos decidimos que queríamos fazer um documentário que responde à pergunta: “O que é ser jovem na Zona J?”. Numa das primeiras sessões, os jovens mostram-nos no seu telemóvel uma letra gravada sobre uma batida do *Youtube*, que mistura Crioulo e Português naquela que se assume como a(s) língua(s) fran-

ca(s) do bairro. Em Maio de 2017 lançámos o videoclipe *Bataclan 1950 - Chelas-city*. O vídeo conta, à data<sup>12</sup>, com 804 000 visualizações no *Youtube* e é o resultado de um processo que envolveu a escrita da letra, a gravação da música num estúdio, a captação de imagens que os jovens foram realizando, com o nosso apoio, em vários momentos no bairro e a edição final.

12 - Maio de 2019.



[9]

*Bataclan*, Rita Andrade, 2017

**Letra - *Bataclan 1950 - Chelas-city***

(Bruno Borges, aka *Baguera*)  
Chelas city nha kau  
Zona I Zona M  
ZONA J Zona L  
N1 N2  
Eh nos

Nu sta junto e misturado  
União dii tudo bairro  
Armador Flamengo  
Loios ku Condado  
Alfinetes Amendoeiras  
Nu ca tem maneiras  
Ou midjor nu tem maneiras  
Ma nu tambi sabi fazi asnera

Bo cre esprimenta nem ku tenta  
bo ca ta aguenta  
A nos e mass di 100  
A nos é 1 9 5 0

Pretos ku brancos  
Brancos ku pretos

Nu teni tambi  
Ciganos na nos ghetto

Ke lah e normal  
nos tudo e loukos mal  
cores diferentes  
Mas sanguii e igual

Subi kel bai kel  
a nos manga del  
Si nu junta tudo zonas  
Nu ta fica brutan del

Nca cre pa no guerra  
Mas si beef sai  
Nu tem ki junta logo  
Pa nu ka Cai

(Luís Vaz, aka *Islu*)  
dento street kasta fixe  
pamo tropas kasta livre  
ma pa tcheus é ki si lixe  
nha destino e nasci mori

dento chelas tudu dia  
nos e putos ki ata kria  
koitado di nos familia  
puto criado reguila  
ma nos vida é so 2 dia  
e as guerras vao e vem  
mas soldado es e etreno  
so pamo nos cor  
es kre pono na inferno  
ma mi sta dento chelas  
dento paraíso mas chelas city  
ta pon ta perdi juizo  
pretos na kel vida sta fudido  
por isso ki mi kamba  
na improviso  
pan odja sin ta caba ku racismo  
es kre crucificano mes ka teni kruz  
ka bu eskeci ma na fundo tunel bu  
ta atcha luz  
nu sta cada bez mas loko  
es ta fala tcheu ma nta oubi tudo  
oucu  
Mama ami sta moku Es kre pa nu ka

bai ma nu ta txiga pocu.  
A pouco  
O pouco a pouco E todo junto

(Hugo Lopes, aka *Gohu*)  
e noz ki sta pa li  
chelas city riba  
beat nu ta rebenta dentu street  
bofia tenta paranu ma ka konsigui

koragem fitxado nhas bros ki sta  
tracado es trabo di bu bairro  
ma colegio ka ta abrandabo  
so ta revoltabo nton quando nhoz

sai nu sta li na nhoz lado  
sempri apoiabo pa otuz ki ten  
ki baza um dia nta encontrabo

tudo cenas ki nu passa inda ka sta  
findado  
nu sta djunto ti nu morri nha soldado  
soldadi sata perta ma manti firme

ho ku txiga nu sta li pa bo dentu  
street  
noz madrugadaz nka ta skeci

nu sta djunto nha vani  
pa chelas nta morri  
acredita na mi

keli e nha bairro tifim  
nton ivita beef cima baguera fla  
bu ka ta aguenta a noz e mais di 100  
noz e 1950 nton fuck pa kes ki  
tenta fuck  
pa kes ki tenta

(Bruno Borges, aka *Baguera*)  
Bo ca sabi si ê bom  
Bo ca sabi si ê mau  
M’ sabi claro  
Chelas ê nhâ kau  
Flado Chelas ê kêl-li  
Flado Chelas ê kêl-lâ  
Nhôs cala a boca

Nhôs ata fala a toa  
Zona normal  
Ku lado marginal  
Ou bo ta caminho dretu ou bo ta  
acaba na regime prisional  
N’ca ca cre fala di mal  
Mas mal ou bem  
Cima Chelas, Foda-se  
Cima Chelas ca tem  
Ca tem  
Ca tem

CHELAS  
CHELAS CITY  
J M N L1  
CHELAS  
CHELAS CITY  
1 9 5 0  
BATACLAN 1950  
MBM FIRMA



Após a concepção do videoclipe foram gravadas outras músicas e realizaram-se dezenas de entrevistas a pessoas identificadas pelos jovens como relevantes no bairro. A câmara de vídeo que passou a acompanhar os jovens no seu dia-a-dia registou conversas e momentos informais, embora algumas entrevistas tenham ficado por realizar, por falta de resposta, como a entrevista que desejavam fazer a um agente da polícia do bairro.<sup>13</sup>

13 - O resultado será apresentado num documentário no último trimestre de 2019.

Nos últimos anos, a arte e a cultura têm contribuindo para que as vozes de populações tradicionalmente periféricas sejam ouvidas a partir de dentro. Corpos políticos [Judith Butler, 2018 (2015)] que se afirmam numa esfera pública física e digital. Corpos que estão cansados de representações externas. Assumem-se, também eles, como agentes políticos.

Na 'Zona J', a música e o graffiti revelam uma

preponderância evidente nas reivindicações políticas destes jovens activistas urbanos. Em plataformas digitais e ocupando a cidade reivindicam espaço e reflectem sobre os processos de exclusão à sua volta. Personagens que se tornam referência, como *Sam The Kid* ou *Beto Di Ghetto*, são exemplos para jovens que querem (e veem finalmente possível) construir um caminho diferente.



**[10]**

Chelas City, Bagabaga Studios, 2017

#### **Nota conclusiva: A cena cultural periférica**

No século XX, as intervenções artísticas começam a ganhar forma em espaços da esfera pública, tornando-se importantes veículos de pensamento crítico na cidade. As investigações-acção aqui descritas mostram-nos que nas paredes e memórias destes territórios, na música que lá se produz, se assumem vozes activas, sedentas de mudança.

Perante a *mainstreamização* e massificação dos centros culturais das cidades, espaços outrora periféricos têm-se afirmado na recente cena cultural metropolitana. Nestes contextos, a margem para a evasão e a informalidade assumem uma maior preponderância, potencia-se a tolerância, encontram-se novos conteúdos e cenas ur-



banas disruptivas. Contudo, e como é habitual, este fenómeno caminha lado a lado com processos de potencial instrumentalização das dinâmicas verificadas nestes territórios, os quais rapidamente institucionalizam e profissionalizam manifestações antes encaradas como irreverentes, alternativas e informais. Se, por um lado, estas lógicas económicas, sociais e culturais podem contribuir para reformular e re-centralizar na cidade áreas tradicionalmente excluídas, por outro, podem acelerar dinâmicas de recomposição social e causar pressão económica sobre contextos particularmente frágeis.

Concluimos que a reformulação simbólica destes territórios é preponderante nestas dinâmicas, tanto para o seu desenvolvimento como para a redução de processos de exclusão social. No entanto, alerta-se para que, se estas dinâmicas socioculturais não forem enraizadas e apoiadas por aquilo que endogenamente se produz e imagina, rapidamente serão mercantilizadas e instrumentalizadas, não se afirmando como sustentáveis para as comunidades locais, para o seu bem estar e qualidade de vida, tanto a nível cultural como socioeconómico.

## Bibliografia

Bishop, C. (2012), *Artificial Hells: Participatory Art and Politics of Spectatorship*, London and New York: Verso Books.

Butler, J. 2018 (2015). *Corpos em aliança política e a política das ruas: Notas sobre a teoria performativa de assembleia*. Civilização Brasileira. ISBN 9788520013151

Camarão, A., J. Leal and A. Pereira (2008), *A fábrica: 100 anos da CUF no Barreiro*, Portugal: Bizâncio.

Cartiere, C. and S. Willis (2008), *The Practice of Public Art*, New York: Routledge.

Costa, P. and R. Lopes (2013), 'Urban design, public space and creative milieus: an international comparative approach to informal dynamics in cultural districts', *Cidades, Comunidades e Territórios*, 26, June, 40-66.

Costa, P. & Lopes, R. (2015). Is street art institutionalizable? Challenges to an alternative urban policy in Lisbon. *Métropoles*. 17

Costa, P. & Lopes, R. (2018). Creative milieus in the metropolis' periphery: from the massification of Lisbon's city centre to the liveliness of 'Margem Sul'. In Lazzeretti, L.; Vecco, M. (Ed.), *Creative Industries and Entrepreneurship: Paradigms in Transition from a Global Perspective*. (pp. 177-197). Cheltenham/Northampton: Edward Elgar.

Debord, G., 2012 (1972), *A Sociedade do Espectáculo*. Lisboa: Antígona

Gonçalves, F., 1972, *Urbanizar e construir para quem? A propósito do Plano de Chelas*, Lisboa: Afrontamento

Harvey, D., 2014 (2012). *Cidades Rebeldes. Do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes - Selo Martins Hospers

Hirsch, M., 1997. *Family Frames: Photographs, narrative, and Postmemory*. Harvard University Press

Kebir, L., O. Crevoisier, P. Costa and V. Peyrache-Gadeau (eds) (2017), *Sustainable Innovation and Regional Development: Rethinking Innovative Milieus*, Cheltenham, UK and Northampton, MA, USA: Edward Elgar Publishing.



# AIRBNB, INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO E A CRISE DE HABITAÇÃO EM LISBOA

AGUSTÍN COCOLA-GANT  
E ANA GAGO





# AIRBNB, INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO E A CRISE DE HABITAÇÃO EM LISBOA<sup>1</sup>

AGUSTÍN COCOLA-GANT  
E ANA GAGO<sup>2</sup>

Há algum tempo que pesquiso, enquanto investigador bolsheiro, sobre Airbnb, turismo e gentrificação. Primeiro em Barcelona, onde fiz o meu doutoramento, e desde há 4 ou 5 anos em Lisboa, onde atualmente coordeno o projeto SMARTOUR – Turismo, alojamento local e reabilitação: políticas urbanas inteligentes para um futuro sustentável.

O projeto SMARTOUR centra-se em três desafios do planeamento urbano atual: (i) o crescimento significativo do turismo; (ii) o aumento do arrendamento turístico através de plataformas como a Airbnb; e (iii) o aumento substancial do investimento imobiliário e da reabilitação. Em Portugal, tal como noutros países europeus, estes

processos estão atualmente no centro dos debates sociais e políticos. Subjacente está o desafio de combinar, de forma sustentável, os usos turístico e residencial através de políticas públicas. Recorrendo à análise comparativa das cidades de Lisboa e do Porto, o SMARTOUR centra-se na análise aprofundada dos impactos socio-espaciais deste rápido crescimento, com o objetivo de fornecer soluções de política pública para um futuro sustentável<sup>3</sup>.

A análise destas dinâmicas não é fácil porque estão a acontecer em simultâneo muitas coisas e todas muito rápidas. O *boom* turístico e o *boom* imobiliário – de investimento e reabilitação –, sobretudo no centro de

Lisboa, são evidentes. As duas dinâmicas estão intrinsecamente ligadas, o que coloca diversos problemas, quer do ponto de vista da análise, quer do ponto de vista das políticas públicas e das ações que se podem promover.

No âmbito da análise, podemos distinguir, por um lado, a temática dos impactos do turismo mais visíveis na dinâmica da cidade, na vida quotidiana, no espaço público, nas mudanças comerciais, no barulho à noite, na superlotação que se verifica atualmente. Neste domínio importa sobretudo compreender de que formas se pode conjugar a função residencial com a função turística. Por outro lado, podemos analisar as dimensões que se encontram na raiz destes impactos, que nos conduzem ao cruzamento das temáticas do turismo e do Airbnb, do investimento imobiliário, e da crise de habitação, que abordamos de seguida.

<sup>1</sup> - Este artigo é baseado na intervenção homónima que teve lugar no c.e.m - centro em movimento, a 7 de Fevereiro de 2019, dinamizada por Agustín Cocola-Gant.

<sup>2</sup> - Investigadores do Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa.

<sup>3</sup> - O projeto SMARTOUR (PTDC/GES-URB/30551/2017) é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e cofinanciado pelos programas Compete2020, Portugal2020 e o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional da União Europeia. <http://www.ceg.ulisboa.pt/smartour/>



## Airbnb e habitação em Lisboa

No ano passado, o Airbnb terá investido cerca de 500 milhões de euros em serviços de *lobbying* junto da Comissão Europeia de forma a manter-se associado à narrativa da economia da partilha. Para introduzir o tema, importa sublinhar uma ideia muito clara, que contraria uma ideia que tem sido difundida pela opinião pública: Airbnb não é, atualmente, economia da partilha. É cada vez mais uma atividade profissionalizada. Atualmente, existem diversas empresas que, a troco de uma percentagem do rendimento, se encarregam da gestão de Airbnb, recebendo os turistas, realizando as limpezas e promovendo o apartamento no cada vez mais competitivo mercado interno do Airbnb. De facto, pelo sistema de *ranking* e *reviews* que o Airbnb proporciona é cada vez mais difícil para os particulares competirem com os serviços prestados pelos grandes grupos que gerem múltiplos apartamentos no mercado do Airbnb. Neste sentido, verifica-se um crescimento da profissionalização associada ao Airbnb e uma redução das dinâmicas relacionadas com a economia da partilha.

Em Lisboa, cerca de 80% da oferta de Airbnb é feita em apartamentos inteiros disponíveis o ano todo e 70% desse total de oferta pertence a proprietários que têm mais de 1 apartamento no Airbnb. Ou seja, a maioria das pessoas que utilizam o Airbnb fazem-no enquanto atividade profissional. Para o geral da cidade será cerca de 80%, mas em algumas partes do centro particularmente turistificadas, como Alfama, o valor é praticamen-

te 100% (Gago, 2018). Este indicador demonstra que a função residencial da habitação está a ser eliminada e que está a ser convertida em função turística. Isto significa que se estão a retirar apartamentos do mercado de aluguer, o que contribui de forma determinante para a atual crise de habitação que se verifica em Lisboa (Cocola-Gant, 2018b).



[1]

Pequenos cofres para guardar chaves presos à fachada de um prédio em Alfama. Da *Lovely house* foi despejada uma família de 4 pessoas. Agora é alojamento turístico. (fotografia de Ana Gago)





[2]

Levantamento de transformações socio-espaciais em torno da Rua dos Remédios, em Alfama, entre 2015 e 2017 (Gago, 2018)

Durante dois anos, de 2015 a 2017, estudámos os impactos socio-espaciais provocados pelo aumento do alojamento local em Alfama e chegámos à conclusão geral de que o Airbnb provoca processos de gentrificação turística (Cocola-Gant, 2018a; Gago, 2018; Gago & Cocola-Gant, 2019). Isto significa, por um lado, que o alojamento local tem sido o principal motivo para o investimento no tecido habitacional do bairro e, por outro, que a população residente está a ser expulsa para dar lugar a visitantes. Verificámos que os impactos sociais são muito violentos porque este processo de transformação tem sido muito rápido e recai sobretudo numa população idosa, com poucos recursos económicos. Os residentes estão a ser obrigados a sair do bairro porque os seus contratos de arrendamento não são renovados e porque não há casas para alugar em regime de arrendamento de longa duração (Cocola-Gant, 2019). Ou seja, o alojamento local está a tomar o lugar do que poderia ser habitação. Mesmo quem resiste, e fica no bairro, passa por um processo de perda de lugar porque vê a sociedade de bairro pré-existente desmantelar-se devido à perda de vizinhos ou ao encerramento de comércio e serviços essenciais ao dia-a-dia. No geral, verificámos que a população se sente impotente por não conseguir fazer frente a estas mudanças e que se sente esquecida pelos poderes locais que parecem estar mais focados em promover o turismo do que em responder às necessidades da população local.



Em geral no Sul da Europa, ao contrário do que se verifica em países da Europa Central de forte matriz social democrata, existe pouca habitação pública e, portanto, a narrativa dominante dita que o direito à propriedade privada se sobrepõe à função social da habitação, o que fornece um grande poder aos grupos imobiliários. Em Amesterdão ou Viena existe um avultado investimento público em habitação - em Viena 60% da habitação encontra-se fora do mercado livre e o papel do Estado foca-se em assegurar habitação aos cidadãos. Aí, a função social de habitação está acima do lucro privado a que cada proprietário tem direito.

Atualmente, existe inequivocamente uma crise habitacional em Lisboa, o que significa que existem muitas pessoas com dificuldades em aceder à habitação em Lisboa. De facto, arrendar ou comprar uma casa é, para uma porção considerável da população, praticamente insustentável do ponto de vista dos salários praticados em Portugal.

O governo e a Câmara Municipal de Lisboa defendem que uma possível solução passa pela construção de mais habitação e criar habitações de renda acessível, alegando que essas medidas provocarão uma descida dos preços no futuro. Contudo, parece não ser a solução, visto que a crise da habitação afeta também a generalidade da classe média, e não apenas as classes com menor poder de compra. Portanto, construir 1000 apartamentos

não irá solucionar o problema. Se considerarmos as leis da oferta e da procura, ou seja, equacionando a solução de colocar mais casas no mercado para que os preços baixem, o mais lógico seria colocar os cerca de 13000 apartamentos registados no Airbnb diretamente no arrendamento permanente. Mesmo com muita vontade política - que não existe atualmente - construir 13000 apartamentos demoraria décadas. Portanto, não parece ser uma solução viável. A solução não será construir mais habitação.

A ideia genérica é a de que, pela lei da oferta e da procura, os preços das habitações sobem porque o Airbnb retira apartamentos do mercado de arrendamento mas pode não ser apenas por isso. Há, por um lado, a questão da especulação imobiliária, que não é possível medir pela lei da oferta e da procura. Por outro lado, há a questão da especulação dos preços dos apartamentos registados no Airbnb. Se um proprietário de um apartamento consegue obter um rendimento de cerca 1000€ por mês através do Airbnb, ao equacionar colocar o apartamento no mercado de arrendamento de longa duração, apenas o irá fazer se essa opção lhe proporcionar um rendimento equivalente. Portanto, a renda que pratica deixa de ser a anterior, de 600€ por mês, e sobe imediatamente para 1000€. Este fenómeno de especulação é grave pois significa que a função de habitação permanente está, atualmente, a ser equiparada a valores

que os proprietários podem conseguir no Airbnb para a função turística ou temporária. Este fenómeno determina que os preços da habitação de Lisboa deixem de ser determinados pela procura local e pelos salários locais, e passem a ser determinados pela procura estrangeira, de turistas que têm salários genericamente mais elevados e que podem comportar esses preços, particularmente para uma estadia temporária.

A crise da habitação representa um problema muito complexo, não apenas para os habitantes da cidade, mas também para as políticas públicas, pois os atuais instrumentos de política local não permitem atuar sobre este problema.

Existem diversas medidas de iniciativa estatal, noutros países, que podem servir de inspiração e orientação para as políticas portuguesas. Estas medidas incluem a criação de tetos de valor de arrendamento consonantes com os valores salariais da população local; a proibição do aumento substancial das rendas aquando da renovação de contrato de arrendamento; e, também, a regulação e a fiscalização dos negócios de investimento imobiliário especulativo. A Nova Zelândia proibiu recentemente o investimento especulativo, ou seja, investir em imobiliário para o vender no futuro é proibido. É curioso verificar que as políticas mais sociais relativamente à habitação têm sido propostas por governos de tradição social democrata, como a Nova Zelândia.



## Airbnb e investimento imobiliário em Lisboa

Nos últimos anos tem crescido de forma significativa o número de atores a realizar investimentos imobiliários em Lisboa, envolvendo valores significativamente elevados. Este aumento do investimento encontra-se enquadrado por uma série de mudanças de contexto, consequência de políticas públicas, nomeadamente a Lei do Arrendamento, que veio facilitar e agilizar os despejos; os Vistos Gold, que vêm trazer benefícios fiscais para os compradores de habitação; e os residentes não habituais, que também dá benefícios fiscais a quem adquire uma casa.

Neste contexto, o Airbnb desempenha um papel central na atual dinâmica do investimento imobiliário. Em Alfama, cerca de 78% da oferta existente no Airbnb pertence a investidores imobiliários que compram as habitações com o objetivo de as alugar no Airbnb. Para estes investidores, muitos deles estrangeiros que beneficiam das isenções fiscais que apontámos, o Airbnb representa um negócio fantástico. Isto acontece porque através desta plataforma conseguem maior rendimento do que aquele que obteriam através do mercado de arrendamento permanente, mas também porque o Airbnb proporciona uma flexibilidade de opções que o arrendamento permanente não permite. Não existindo inquilinos permanentes na casa, esta encontra-se permanentemente disponível a ser negociada. O negócio dos investidores imobiliários consiste na compra e venda de imobiliário, e vender imobiliário com inquilinos é difícil, legalmente. Neste sentido o Airbnb representa, para o investidor, um mecanismo que retira esta barreira, funcionando como instrumento de flexibilização do mercado, do qual retiram amplas

vantagens. Também os residentes não habituais, que compram segunda habitação em Lisboa, podem utilizar a casa em períodos de férias, e quando não estão, colocam a casa no Airbnb.

## Produção de turismo e mobilização social

Considerando o fenómeno da turistificação de massas, torna-se relevante diferenciar as dinâmicas dos consumidores de turismo e as dinâmicas dos produtores de turismo. Enquanto consumidores é relevante que cada um compreenda conscientemente as condições em que viaja e que reconheça que o ato de viajar é, atualmente, um ato que, provavelmente, contribui para a degradação dos ecossistemas ambientais.

Por outro lado, é muito relevante compreender as formas como o turismo é produzido e reconhecer a existência de uma indústria de turismo que define estrategicamente quais são os destinos turísticos, ao nível internacional, e que se encontra intimamente conectada à indústria imobiliária. Não é por acaso, nem por decisão dos consumidores, que Lisboa se afirma na última década enquanto destino turístico preferencial. Mesmo que atualmente se verifique um crescimento do turismo auto-organizado, o turismo organizado continua a ser a principal forma de viajar. Para um habitante do Reino Unido, o desejo de vir a Lisboa é construído estrategicamente através de várias medidas de *marketing*, que se cruzam com o facto de Portugal – como Espanha – ser um dos destinos mais baratos para o turismo. Porquê? Para além dos salários baixos que se praticam em Portugal, existe um conjunto de atores privados e de decisões políticas

que, de forma intencional, estratégica e coordenada, têm vindo a posicionar Lisboa no mapa internacional dos destinos turísticos baratos. Este posicionamento internacional é coordenado, por um lado, com um conjunto de subvenções estatais e benefícios fiscais que são dados a empresas privadas, como a Ryanair, que tornam as viagens para Lisboa muito baratas; e por outro lado, com uma facilidade no licenciamento dos operadores hoteleiros e de alojamento local, muitos deles construídos ou adquiridos por fundos de investimento internacionais que optam por investir em Lisboa por gozarem dos benefícios fiscais que referimos, o que significa que pagam menos impostos. Baixos salários, subvenções e benefícios fiscais aos atores privados. Portanto, o Estado português contribui direta e financeiramente para que Lisboa se venha a afirmar como um destino turístico preferencial para as massas.

Este processo de *boom* turístico organiza-se por várias fases. Habitualmente verifica-se uma fase inicial quando começa a chegar o turismo, e aí a maioria das pessoas considera o turismo como uma dinâmica positiva porque dinamiza a economia, o emprego, etc. No entanto, o turismo vai crescendo progressivamente até chegar a uma fase em que se torna insustentável habitar nesse local. As experiências de Veneza, Amesterdão ou Barcelona mostram que este não é o caminho a seguir. Se o turismo continuar a crescer 10% por ano, daqui a 15 anos será impossível caminhar pelas ruas de Lisboa. E todo o comércio local e as atividades locais – como esta onde estamos agora – desaparecerão. Quando a economia de uma cidade depende do turismo, a economia global da cidade começa a decair porque o emprego associado ao turismo é muito precário e com salários baixos, o que



significa uma menor coleta de impostos e menores receitas para o Estado, deixando de ser sustentável ao nível social, ambiental e económico. Em Lisboa, mesmo que já se tenha experienciado um crescimento substancial nos últimos cinco anos, encontramos-nos na fase inicial, portanto é difícil contestar o discurso de que o turismo é favorável para todos. Na opinião pública considera-se que o turismo está a contribuir para que a cidade esteja mais cuidada e mais bonita.

Trazer estes debates para a opinião pública e obter repercussões políticas é difícil. Em Setembro de 2017 organizou-se um debate, em Lisboa, que contou com a presença de pessoas de Barcelona e Palma de Maiorca. Em Setembro de 2018 organizou-se outro com pessoas de Veneza, Barcelona, e Granada, e estavam muito poucas pessoas presentes. Em Lisboa, este ainda não é um tema que interesse muito, nem interessa que tenha visibilidade. Estes eventos de debate sobre os impactos do turismo nas dinâmicas locais da cidade não têm apoios institucionais à sua organização. Portanto, representam um grande esforço para os organizadores, e acabam por ficar nas margens da sociedade e do debate público. Em Lisboa, a questão demográfica do centro da cidade também é adversa à mobilização social: um número reduzido de habitantes e, sobretudo, pessoas de faixas etárias envelhecidas. Em Barcelona, o centro da cidade já foi gentrificado nas últimas décadas. Portanto, atualmente, tem habitantes mais novos, com mais recursos financeiros e culturais, o que contribui para a sua organização. Barcelona e Lisboa têm tradições diferentes ao nível dos movimentos sociais históricos - em Barcelona há muita facilidade de organização (Cocola-Gant

e Pardo, 2017; Malet-Calvo et al, 2018). De facto, o exemplo de Barcelona demonstra que há lugar para a esperança de mudar estas dinâmicas. As associações de moradores do centro da cidade começaram a organizar-se contra os impactos nefastos do turismo há mais de 15 anos, ainda antes do Airbnb existir. Pouco a pouco, a consciência social foi crescendo, de tal forma que o principal discurso da Presidente da Câmara de Barcelona quando venceu as eleições de 2015 foi "Devemos

regular o turismo e organizar a cidade de outra forma". Em Barcelona, o debate sobre quem beneficia do Airbnb e da turistificação foi construído por movimentos cidadãos organizados por bairros, que formaram uma plataforma inter-bairros, que teve muita repercussão (ABTS: Asamblea de Barris per un Turisme Sostenible). Essa plataforma foi crescendo, e com outras cidades, onde também está Lisboa, criaram uma rede que se chama SET - Cidades do Sul da Europa contra a turistificação.





O Airbnb tem, portanto, um impacto socioespacial, sobretudo no centro da cidade, que para o capital privado pode ser muito benéfico, mas sobretudo para os inquilinos agudiza a crise de habitação no centro da cidade. Hoje é evidente, aqui como noutros lugares, que o poder político está a servir mais os interesses económicos dos atores privados do que os interesses dos cidadãos. Mudar estas dinâmicas exige certamente uma mobilização cidadã que é difícil de construir. É necessário produzir dados potentes e válidos para demonstrar e evidenciar o que está a acontecer, e que ajude a desconstruir a narrativa de que o turismo é positivo para todos, que o Airbnb é positivo para todos, etc. Atualmente, há muita gente a acompanhar e a debater estas dinâmicas, mas na verdade existem poucos dados concretos que demonstram o que está a acontecer para informar as políticas públicas.

Neste sentido, o projeto Smartour pretende contribuir para o debate público sobretudo produzindo evidências sobre quem está a beneficiar com este processo. O projeto está a começar agora e dura até 2021, tem como objetivo principal produzir dados concretos para informar as decisões das políticas públicas, nomeadamente por:

- estudar o impacto do turismo na vida quotidiana da cidade, no espaço público, etc.;
- medir o impacto do Airbnb no mercado de arrendamento, ou seja, verificar a hipótese de que o Airbnb impacta os preços do mercado de arrendamento e o número de oferta de apartamentos de arrendamento permanente. E mostrar estes dados às Câmara Municipal de Lisboa para comprovar o que está a acontecer: que não existem casas para alugar no centro da cidade,

pois a maioria encontra-se em exclusivo para arrendamento temporário no Airbnb.

- compreender a profissionalização do trabalho relacionada com o Airbnb, e verificar a hipótese de que este é um mercado cada vez mais desigual, i.e., os que têm maior capital acumulado são os que melhor podem competir, e os mais pequenos irão desaparecer, pelo que o Airbnb não representa uma dinâmica de economia de partilha benéfica para a cidade e para os seus cidadãos.

## Referências

Cocola-Gant, A (2019) Gentrification and displacement: urban inequality in cities of late capitalism. Schwanen, T. and R. Van Kempen (Eds.) Handbook of Urban Geography. Cheltenham and Northampton: Edward Elgar Publishing.

Cocola-Gant, A (2018) Tourism gentrification. In Lees, L and Phillips, M (Eds) Handbook of Gentrification Studies. Cheltenham and Northampton: Edward Elgar Publishing, pp. 281-293.

Cocola-Gant, A and Pardo, D (2017) Resisting tourism gentrification: the experience of grassroots movements in Barcelona. Urbanistica Tre, Giornale Online di Urbanistica, Vol 5 (13): 39-47.

Malet-Calvo, D; Gago, A & Cocola-Gant, A (2018) Turismo, negocio inmobiliario y movimientos de resistencia en Lisboa, Portugal. En José Mancilla &

Claudio Milano (Eds). Ciudad de Vacaciones. Conflictos urbanos en espacios turísticos. Barcelona: Pol.len, pp. 121-153.

Cocola-Gant, A (2018) O capitalismo imobiliário e a crise da habitação em Lisboa. Le Monde Diplomatique, nº 136, pp. 10-11.

Gago, A. (2018). O aluguer de curta duração e a gentrificação turística em Alfama, Lisboa. Universidade de Lisboa, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/32753>

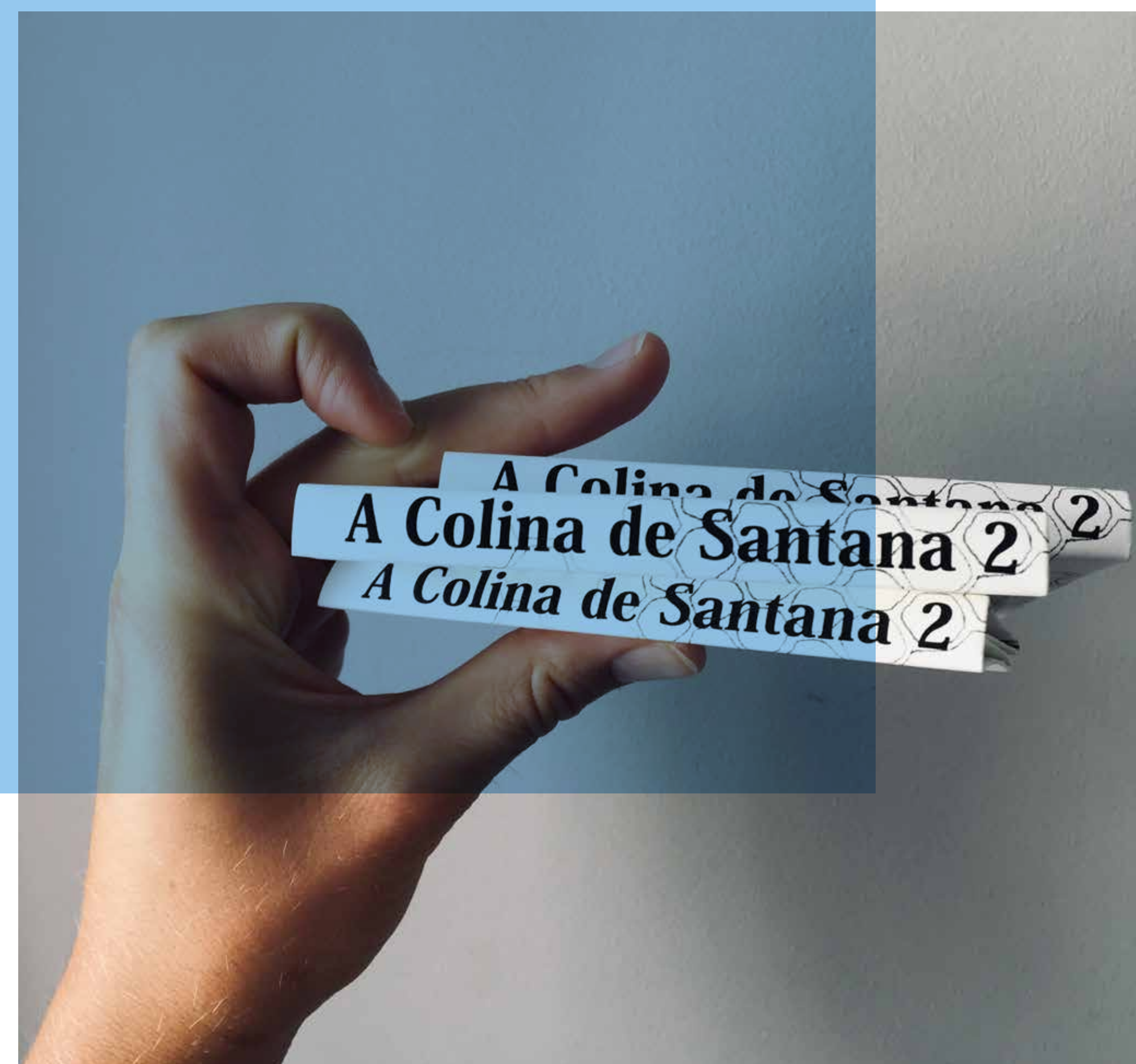
Gago, A., & Cocola-Gant, A. (2019). O alojamento local e a gentrificação turística em Alfama, Lisboa. Em A. C. Santos (Ed.), A nova questão da habitação em Portugal: Uma abordagem de Economia Política. Coimbra: CRISALT.



# O CASO DA COLINA DE SANTANA

HISTÓRIA DE UMA  
DUPLA PRIVATIZAÇÃO

ANA JARA





# O CASO DA COLINA DE SANTANA

## HISTÓRIA DE UMA DUPLA PRIVATIZAÇÃO

ANA JARA

Com o desmantelamento e alienação dos hospitais da Colina de Santana, a Estamo, empresa pública de compra e venda de imóveis, projecta em Lisboa a maior operação urbanística das últimas décadas. A nuvem que paira sobre a Colina não olha para o que aí se perderá na voragem imobiliária que na capital distorce visões de progresso. Conta-se a história de um opaco processo de dupla privatização da Saúde e da Cidade.

### Preâmbulo para uma Cidade a Criar Corpo

O texto que vai nestas linhas foi a base da comunicação no ciclo Criar Corpo Criar Cidade no c.e.m., que desdobrou questões (sem resposta) e movimentou vontades para subir colectivamente a Colina, num processo de mergulhar com o corpo na cidade para ser-estar-fazer acontecer. A prática do c.e.m. é uma imersão de activação da escuta, o resultado deste encontro vive-se por dentro, sobrepondo o que se faz soltar, em aparições, imagens, sons e textos a várias mãos. As caminhadas deram corpo ao fanzine 'A Colina de Santana', distribuído em mãos por um enxame de gente que amplifica a troca, nos pontos mais internos da Colina. O que resulta deste processo vai reconfigurando lentamente o narrar deste caso da Colina. Por ora fica a história vista de cima, um ensaio possível de clareza arquitectónica, em espera, em escuta para escrever o corpo com que resiste a Colina.

### O Caso da Colina de Santana

O ano de 2006 foi marcado pelo anúncio público do fecho do Hospital do Desterro, mas poucos sabem que coincide com a reactivação da Estamo<sup>1</sup> e da Fundistamo<sup>2</sup>, que passaram a deter a propriedade deste hospital em 2007, num processo de compra ao Estado, desmantelamento e alienação, que viria a incluir a totalidade dos hospitais da Colina de Santana.

A Colina de Santana bem podia ser o centro geográfico de Lisboa, mas a atenção a esta localização não é alheia aos hospitais que a caracterizam e que, durante

1 - 'A Estamo é uma empresa pública criada em 1993, vocacionada para a compra ao Estado ou Outros Entes Públicos e a privados de imóveis para revenda, para arrendamento ou para alienar após acções de promoção e valorização imobiliária dos mesmos.', adquire a forma legal de um fundo de investimento imobiliário, detido pela Sociedade Gestora de Fundos Imobiliários Fundistamo que, por sua vez, é detida integralmente pela Parpública, responsável pelos processos de privatização de empresas públicas como a EDP ou os CTT.

2 - 'A Fundistamo é a empresa instrumental do grupo Parpública para actividade de gestão de Fundos de Investimento Imobiliário', in [www.fundistamo.com](http://www.fundistamo.com).



séculos, serviram a população do país. Alvos desta co-  
biça são os seus terrenos que, juntos<sup>3</sup> perfazem uma  
área maior que a da Baixa Pombalina. Sob a gestão do  
Governo de Sócrates, foi lançado o ponto de partida  
da operação - o plano para construção de um novo  
Hospital de Todos os Santos, com concurso público  
para a Parceria Público-Privada (PPP) da sua construção  
e gestão, anunciado no ano de crise 2008 - logo após  
a venda, pela Câmara Municipal de Lisboa (CML), de um  
terreno em Chelas para a sua edificação<sup>4</sup>.

Nesta articulação de forças, o Ministério da Saúde e a  
Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do  
Tejo (ARS-LVT) criaram, em 2007, o Centro Hospitalar  
Lisboa Central (CHLC) que agrega inicialmente o São  
José, o Santa Marta, os Capuchos e a Estefânia. Em  
2009, a Estamo compra 3 destes hospitais<sup>5</sup> passando  
o CHLC a pagar renda à Estamo. Acompanham este  
processo rumores (não oficiais) do encerramento defini-  
tivo do CHLC e da sua substituição pelo novo hospital  
em Chelas. Apesar de fazer parte da lista de patrimó-  
nio de Estamo desde 2008, o Hospital Curry Cabral<sup>6</sup>  
só em 2012 passa a fazer parte do CHLC juntamente  
com a Maternidade Alfredo da Costa - fazendo subir  
para 6 o número de unidades sujeitas à extinção anun-  
ciada deste centro hospitalar.

3 - Hospital de São José, Hospital dos Capuchos, Hospital de Santa Marta, Hospital Dona Estefânia, do  
CHLC; Hospital de São Lázaro, Hospital Miguel Bombarda e Hospital do Desterro encerrados; e fora  
da Colina de Santana: Maternidade Alfredo da Costa e Hospital Curry Cabral, do CHLC.

4 - Concurso Público Internacional. 'Procedimento de Contratação com Qualificação Prévia para a  
Celebração do Contrato de Gestão do Edifício Hospitalar do Hospital de Todos os Santos' em abril  
de 2008. A CML já tinha vendido os terrenos ao Ministério da Saúde em 2007.

5 - A Estamo adquire o Hospital de S. José por 40 milhões de euros, o Hospital de Sto. António dos  
Capuchos por 28 milhões de euros e o Hospital de Sta. Marta por 18 milhões de euros.

6 - Hospital Curry Cabral, vendido à Estamo em 2008 por 20 milhões de euros.

## Todas as frentes da Operação

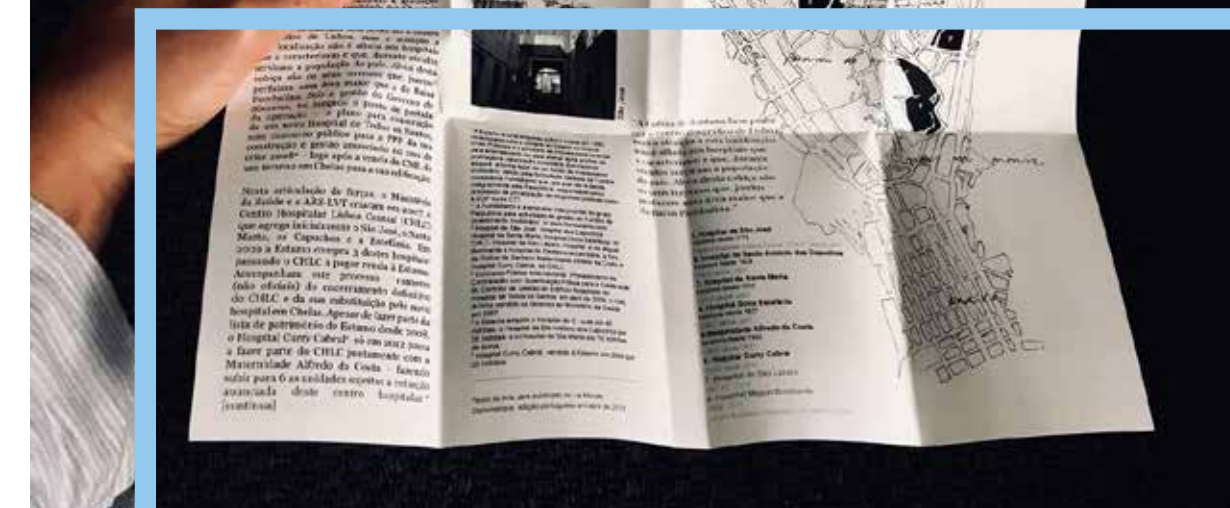
A revisão do PDM de 2012 foi executada com as neces-  
sárias alterações ao uso de solo, prevendo a operação  
urbanística de saída dos hospitais e introdução de novos  
programas de uso privado, transformando os equipamen-  
tos públicos de saúde em projectos residenciais e hote-  
leiros de alta rentabilidade. Como consumação pública  
deste facto, a Estamo encomendou os projectos de ar-  
quitectura, que foram o primeiro acesso mediático às in-  
tenções imobiliárias sobre a Colina<sup>7</sup>. O tema chegou para  
promover um Debate de 5 sessões na Assembleia Mu-  
nicipal de Lisboa (AML)<sup>8</sup>, onde se convocaram todos os  
actores envolvidos. Para explicar esta operação, o presi-  
dente da Estamo, Francisco Cal, disse: *'A Estamo é uma  
empresa, de capitais públicos, mas é uma empresa espe-  
cial, que é uma empresa que tem um capital social de  
850 milhões de euros, portanto tem muito património,  
tem património que precisa de mudar os usos, para poder  
rentabilizar - isto é o caso destes imóveis - como tam-  
bém de imóveis arrendados ou desocupados'*. Revelando  
a estratégica posição da Estamo que, por ser pública, se  
tem envolvido nos processos de produção de cidade, em  
favor da sua rentabilização privada - no caso da Coli-  
na introduzindo claramente a máxima rentabilização do  
terreno para a melhor venda a um hipotético cliente.

A posterior integração dos planos para os hospitais em  
documento estratégico de intervenção da CML para a  
Colina de Santana<sup>9</sup> não apaga a realidade de que não

7 - Os projectos de arquitectura são apresentados em sessão pública na Ordem dos Arquitectos a 11 de  
julho de 2013.

8 - O Debate Temático na AML sobre a Colina de Santana tem 5 sessões que decorreram entre 10 de  
dezembro de 2013 e 11 de março de 2014.

9 - 'Plano de Acção Territorial para a Colina de Santana' da CML de 21 de maio de 2014.



[3]

Fanzine *A Colina  
de Santana*,  
uma publicação  
artéria-cem,  
entregue  
em mãos  
e distribuído  
no lugares da  
colina entre  
maio e julho  
de 2019.







Noutra frente, o Festival Todos arranca em 2015 para 3 edições consecutivas na Colina de Santana, com boa parte da programação a ocorrer nos espaços hospitalares, que se abrem ao público já com anúncio de encerramento iminente. Na edição de 2016, o programa contém uma sessão em que os projectistas apresentam os ‘estudos arquitectónicos’ para os hospitais. Na inauguração da edição de 2017, o presidente de CML, Fernando Medina, diz: *‘O Todos é uma afirmação da cidade intercultural que somos (...)’, diz a Manuela (Júdice) que ele começou com um acordo político e passou para o coração, e eu atrevo-me a dizer que ele irá continuar pela porta grande da política*<sup>12</sup> - e é pela Colina que se afirma nesta sua capacidade de ser instrumento para consolidar políticas urbanísticas.

## Uma ambiciosa nova topografia para a Colina e um hospital para o Vale

Os hospitais do Centro Hospitalar Lisboa Central (CHLC) pertencem ao grupo restrito dos hospitais mais diferenciados do país<sup>13</sup>. O novo hospital Oriental não substitui o CHLC, e parece preparar a redução da oferta do SNS: a operação prevê que as 1307 camas<sup>14</sup> existentes no CHLC, passem a 875<sup>15</sup>. A poupança que fará o SNS na sua manutenção é previsível na discrepância de escalas, em que o que se propõe construir equivale a menos camas e diminuição dos serviços prestados à população. O repetido discurso sobre a insustentabilidade do sistema público de saúde e da necessidade urgente de novas unidades em PPP, levaram o antigo presidente da ARS-LVT Luís Cunha Ribeiro<sup>16</sup>, um dos principais responsáveis por esta decisão, afirmar que *‘seria quase um crime económico não construir o novo Hospital’*<sup>17</sup>. O custo da sua construção, que foi inicialmente orçamentado em 600 milhões<sup>18</sup> pelo ministro Paulo Macedo, passou recentemente para 300 milhões<sup>19</sup>, para um hospital maior<sup>20</sup> e de construção em PPP - em que o Estado passará a pagar uma renda anual ao operador privado de 16 milhões de euros -, conforme anunciou o Secretário de Estado da Saúde,

13 - Hospitais de Referência, desde 2016 designados por Tipologia A1; com serviços únicos a nível nacional, como é o caso do Serviço de Transplante Pulmonar de Santa Marta e o Serviço de Transplante Hepático do Curry Cabral.

14 - Dados de dezembro de 2016, Administração Central do Sistema de Saúde - ACSS; de notar que, para os 6 hospitais do CHLC, de 2003 a 2016 há uma redução de 40% no número de camas.

15 - De acordo com a ARS-LVT (ofício 7797/CD - SEC/2017) em resposta à AML sobre ‘Rede de Equipamentos Hospitalares na Cidade de Lisboa’.

16 - Presidente da ARS-LVT de 2011 a 2015, demitiu-se na sequência do caso da morte de um jovem no Hospital de S. José. Em 13 de dezembro de 2016 foi detido e constituído arguido por suspeitas de corrupção no âmbito da Operação Máfia do Sangue.

17 - Na sessão da AML de 10.12.2013.

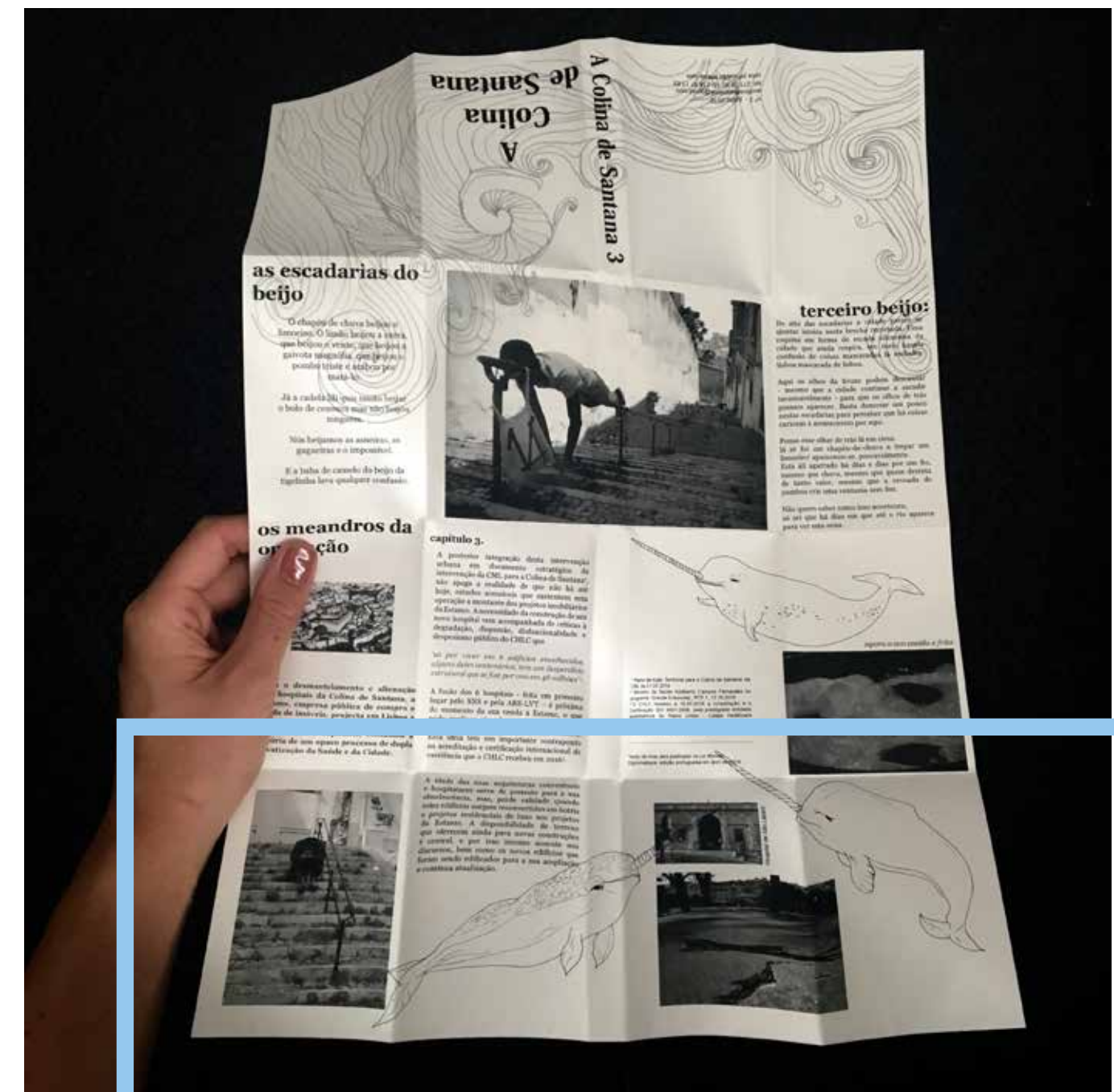
18 - <http://observador.pt/2015/02/20/futuro-hospital-de-lisboa-vai-ser-maior-que-inicialmente- previsto/>

19 - <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/noticia?i=20170801-ses-hospital- oriental>

20 - O Hospital Lisboa Oriental passou de 785 camas com o Ministro da Saúde Paulo Macedo (2011-

2015) para 875 camas com o actual Ministro Adalberto Campos Fernandes.

12 - <https://www.youtube.com/watch?v=KplPYMAzOd0>



[3] Fanzine *A Colina de Santana*, uma publicação artéria-cem, entregue em mãos e distribuído no lugares da colina entre maio e julho de 2019.

Manuel Delgado<sup>21</sup>, deixando antever a prática de suborçamentação que se generalizou para obras públicas em todo o país. As rentabilizações possíveis da Colina e o concurso de PPP para um novo hospital no Vale de Chelas revelam-nos a centralidade dos assuntos de propriedade para a cidade (e para o Estado) na era neoliberal. Com tudo isto, as duas pesadas operações urbanísticas prosseguem misteriosamente irreversíveis à passagem de vários governos e ministérios.

21 - Manuel Delgado demitiu-se em 12 de dezembro de 2017, na sequência do Caso Raríssimas.



## O Iceberg da Estamo

Reactivada durante o Governo de Sócrates, a Estamo foi um mecanismo estatal ao serviço de um alívio, a curto prazo, das contas públicas e da diminuição do valor do deficit. Adquiriu não só 'património excedentário', mas edifícios ocupados por serviços públicos que representam uma perpétua renda do Estado sobre imóveis que lhe pertenceram - caso da ARS-LVT. Ao longo da última década foi-se posicionando para comprar ao Estado muito do seu melhor parque imobiliário, que passou a estar assim acessível aos grandes grupos de investimento imobiliário, que são os seus clientes últimos. Pairam dúvidas sobre os critérios da venda de imóveis do Estado à Estamo e, em 2012, o Tribunal de Contas conclui *'ser deficiente e inapropriada - ou mesmo inexistente - a fundamentação das decisões de alienação de imóveis'*<sup>22</sup>. Sobram ainda dúvidas de que seja a Estamo a lucrar com a venda deste património. Em 2004 o Hospital de Arroios foi vendido às empresas Mavifa e Afer por 11 milhões de euros e revendido apenas passado horas por 21 milhões. Apenas 4 dias depois da CML ter aprovado, à Estamo, o projecto da sua demolição para nova construção<sup>23</sup>. Pode ser esta uma perigosa antevisão?

## A ponta do Iceberg

O que torna particular a forma como opera a Estamo pode estar escondido nas linhas do caso da Colina de Santana. A Estamo reserva sob a sua alçada os terre-

22 - In 'Auditoria à alienação de Imóveis do Estado a Empresas Públicas', Tribunal de Contas, dezembro 2012.

23 - <https://sol.sapo.pt/artigo/32419/hospital-vendido-por-11-milhoes-e-comprado-por-21-milhoes-minutos-depois>

[3]  
Fanzine *A Colina de Santana*, uma publicação artéria-cem, entregue em mãos e distribuído no lugares da colina entre maio e julho de 2019.

nos dos hospitais do CHLC, e ainda os hospitais do Desterro e o Miguel Bombarda. Desenvolve com eles projectos imobiliários que se apresentam como um todo, que operam urbanisticamente no território, e que são apresentados com o suporte público da CML - passam inclusivamente a fazer parte dos seus Instrumentos Estratégicos<sup>24</sup>. Com isto, a Estamo investe-se em fazer a urbanização da cidade, alavancando a entrada de um processo de gentrificação sem par num território socialmente consolidado. A influência da Estamo é, neste ponto, decisiva para dar forma ao espaço urbano - escalando os interesses privados ao poder de tomar decisões urbanísticas com implicações no futuro da cidade. Pela sua complexa teia, o caso da Colina é revelador do papel de articulação de interesses da Estamo entre

24 - 'Plano Director Municipal 2012'; 'Plano de Acção Territorial para a Colina de Santana', 2014.







# CORPO-DOCUMENTAÇÃO

## M A R I A N A V I A N A

Foi em 2014, enquanto mergulhava em um processo de criação em dança no âmbito do Festival Pedras'14 - O futuro foi assim<sup>1</sup>, do c.e.m - centro em movimento, que comecei a perceber o corpo e a dança a partir da perspectiva da documentação.

O c.e.m se dedica à documentação há muitos anos. Essa prática acompanha todos os processos de investigação que se passam por ali. Criam-se e compartilham-se documentos em diversas materialidades, como a escrita, a imagem, o som, a fala, e a própria presença do corpo enquanto documento vivo da experiência.

É justamente essa última materialidade que me interessa estudar desde então: a presença do corpo enquanto documento vivo da experiência. Em outras palavras, a dança. E, especificamente, por dentro da dança, o corpo-documentação.

Ao insistir em estar na rua diariamente, abrindo o potencial da criação artística intimamente ligada ao encontro com a cidade, fui percebendo como o corpo

tem a capacidade incrível de se reconfigurar radicalmente. Como o alargamento da percepção que a demora em um lugar específico da cidade possibilita, trata-se, na verdade, de um convite a uma co-composição com o lugar desde o princípio. Um exercício de tornar-se junto, criar pensamento junto, com todas as deformações que isso implica.

E essa insistência, por mais dura que seja, cria autonomia, cria densidade, tanto no corpo como no lugar. Porque ela nos "obriga" a tecer uma implicação transversal com o conhecimento bruto que emerge dessa troca. E isso faz tremer todas as certezas estruturantes, claro. Destabiliza qualquer experiência ou acontecimento organizados a partir de definições predeterminadas sobre o que é corpo ou o que é rua.

Esta versão é um excerto editado e reescrito do meu trabalho de conclusão na Comunicação das Artes do Corpo<sup>2</sup>. Esse estudo, que foi se fazendo no trânsito entre São Paulo e Lisboa, se chama "Corpo-documentação (título em movimento)", texto esse que não tem só o

título em movimento, mas todo ele tem me pedido para se mexer outra vez agora.

Na universidade, fui convidada a relacionar essa experiência de corpo, cidade e atravessamentos transatlânticos com os escritos de alguns autores, como assim pratica a academia<sup>3</sup>. Gosto de pensar nesse jeito da academia operar como (mais) um exercício de abrir possibilidades na prática artística, adensar uma certa matéria de trabalho criando alguns contornos e contrapontos, do que como um delimitador de uma experiência, ou algo que justifique isso ou aquilo.

Assim, poderia dizer que essas breves notas seriam uma tentativa de começar a desenhar um contorno quase utópico para um gesto inacabado. Essas palavras aparecem juntas aqui como texturas móveis, como possíveis frestas que, talvez, abram alguns caminhos para continuar a trabalhar. Não é uma tentativa de compreender ou definir o que é corpo-documentação. Mas sim, de perceber o que a fisicalidade da escrita ativa no corpo que dança e vice-versa.

1 - O Festival Pedras é um acontecimento anual que reúne de forma condensada várias das práticas regulares relacionadas à cidade que ocorrem no c.e.m o ano inteiro. Nesse contexto, criei, em 2014, junto com a equipe do c.e.m, o estudo de movimento solo *Perto*, no Largo dos Trigueiros, Mouraria.

2 - O bacharelado em Comunicação das Artes do Corpo acontece na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo desde 1999. Meu trabalho de conclusão de curso teve a orientação de Christine Greiner (2018).

3 - Destaco o livro Manning, Erin, *The Minor Gesture*. Duke University Press, 2016, que atravessa esse estudo do começo ao fim, e colabora como uma lente sobre a experiência em dança e documentação a partir da lógica do *gesto menor*.



Breves notas sobre corpo-documentação



0. Percebo que estar em processo tem a ver com continuar a caminhar mesmo na neblina, mesmo sem saber o que há a um metro à frente. É considerar que a experiência começa pelo meio,<sup>4</sup> por dentro do complexo campo de relações que emergem simultaneamente e não têm uma organização dada a princípio.

Nessa desordem, não há separação ou oposição entre sujeito e objeto, real e ficcional ou material e imaterial. É quando todo o potencial das forças imanentes que constituem a experiência se faz sentir. Quando não há nem hierarquias, nem condições preexistentes ou exteriores a ela e, portanto, tudo, absolutamente tudo o que acontece tem uma relevância e é real.

Experiência aqui seria o cruzamento de todas essas possíveis forças que estão em relação umas com as outras. Está sempre em construção, em desdobramento.

4 - Isso vem das relações que Erin Manning faz entre sua ideia de *research-creation* e *empirismo radical*, de William James (Manning, 2016, p. 29).

1. Todas as fases de um processo contêm também, possivelmente, o que o excede. Ou seja, há sempre algo mais que acompanha tudo o que toma forma no mundo.<sup>5</sup> E esse potencial que aparece virtualmente é tão real quanto o que se expressa, levando em conta que todo tipo de ação que se dá corporalmente é sempre uma materialidade, já que emerge da experiência.

O que está em questão, aqui, é um mergulho na concretude de um processo. Ou seja, estamos falando de emergência, e não de transcendência.

Então, há sempre a matéria e o não quantificável dela, e tudo isso constitui a experiência.

5 - Manning usa a expressão “more-than” para pontuar tudo o que pode não ser visível na experiência, mas está lá, é sentido e é tão real quanto o que aparece (Manning, 2016, p. 30).

2. Como todo processo, esse corpo se estrutura tanto a partir dessa carga do que o excede, quanto da incompletude e do defasamento.<sup>6</sup>

Esse caráter incompleto se dá porque o corpo continua na cidade e nas relações, em um trânsito que não se conclui nunca. Em outras palavras, é a cidade que cria a materialidade do corpo.<sup>7</sup> É justamente nessa relação inacabada com o ambiente coletivo que o corpo se constitui como corpo.

Dizer que corpo e cidade se co-constituem significa que não há um corpo pré-definido. Ele habita um mesmo campo que é compartilhado com outros corpos, e isso faz com que tenhamos algo em comum. E é justamente a partir dos rastros afetivos desse encontro que emerge a subjetividade.

6 - Esse defasamento aparece aqui a partir do conceito de individuação de Gilbert Simondon. Ele fala do indivíduo como um processo de individuação. Não seria aquele que desencadeia uma experiência, mas sim o modo como ela se expressa (Manning, 2016, p. 53-54). E o defasamento seria como essa individuação se personifica, como ela dá a ver suas condições de existência (Manning, 2016, p. 216).

7 - Greiner, Christine, Katz, Helena (orgs.), *Arte e cognição*. São Paulo: Annablume, 2015. P. 14.



### 3.

Talvez pudéssemos dizer, então, que o corpo é processo<sup>8</sup>, é fluxo, é acontecimento. É descontinuidade, incabamento, trânsito, migração, afeto, vínculo, criação, resistência. É rompimento, falha, rasgo, queda, abismo, acidente, buraco, oscilação, hesitação, dúvida, vulnerabilidade, incerteza. É pertinência e incoerência ao mesmo tempo. Desassossego, deformação, precariedade, insistência, proximidade, distância, digestão, pele, sonho, desejo, líquido, absurdo, ficção.

4.

Todo corpo conta histórias. Todo corpo comunica. Todo corpo é documento vivo da experiência<sup>9</sup>.

Ele não necessariamente comunica para algum fim, ou por um sistema de significação que é decifrável em linguagem. A comunicação se dá a partir de um emaranhado de conexões imprevisíveis, e não há linguagem que dê conta da completude do que se passa nessas ligações<sup>10</sup>.

Comunicação seria, então, também movimento, textura, som, cor, vibrações, ritmos, lugares onde as palavras ainda não apareceram, onde não há ainda conteúdos e assuntos.



5

O gesto menor<sup>11</sup> habita esses lugares. Ele é o ainda, o quase, o enquanto.

A palavra menor, aqui, não tem a ver com escala, tamanho ou importância. Ela se refere a uma força potencial que constitui qualquer estrutura maior, flui através dela, coexiste com ela, mas nem sempre é identificável, porque tem ritmos que não são dados a princípio.

Quando ativado, esse gesto menor reorienta o campo de percepção através da evidência de pequenos contrastes, mudanças de ritmo, cadência ou qualquer outro tipo de emergência. Com isso revela tendências que têm a potência de desestabilizar a integridade e os padrões dessa estrutura mais estável, alterando sua direção e qualidade.

8 - A discussão sobre corpo como processo aparece nos escritos da maioria dos pesquisadores que formam as referências bibliográficas deste estudo.

9 - Ver Neuparth, Sofia, *movimento*. Lisboa: edições de autor, 2014. P. 45.

10 - Taylor, Diana. *O arquivo e o repertório, performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. P. 305.

11 - Erin Manning desenvolve a ideia de gesto menor aliada ao conceito de Gilles Deleuze e Félix Guattari, sua experiência como artista, e a interlocução com ideias de pensadores como Henri Bergson, William James, Gilbert Simondon, Alfred North Whitehead e Friedrich Nietzsche. *The Minor Gesture*. Duke University Press, 2016.



## 6.

O corpo-documentação se move justamente nisso que ele desconhece.

Ele não se dedica a documentar algo, mas justamente a estar em estado de documentação a cada instante. É isso que move a sua existência. Isso significa ouvir a emergência não de um acontecimento que pode ser localizado, mas dos ecos<sup>12</sup> dele. Desdobramentos que apontam para outras variações e tonalidades afetivas dele próprio.

Considerando a documentação como uma construção móvel que articula um tempo não cronológico e reconhece não apenas a realidade visível de uma experiência, mas a infinidade de realidades imperceptíveis que se desdobram dela.

Em outras palavras, a documentação seria, então, uma ativação da experiência através da escuta das variações menores que ela pode ter, e da amplificação dessas variações em ação. Considerando as realidades sem cronologia que abrem a narrativa para a sua continuação,

para o que cresce em torno dela e está sempre em movimento.

Assim, o corpo-documentação seria uma pista, um ativador, um indício. Algo que organiza tendências ainda em formação, e se alimenta de gestos menores que destabilizam as possibilidades eficientes da praticidade e da funcionalidade do registro.

Ele busca não se alinhar ao julgamento, nem à nostalgia, nem à interpretação da experiência. Pelo contrário, ele tenta abrir caminhos para o que ela pode ser, sem a tentar representar ou significar. Uma documentação que é sempre mais do que uma construção de uma narrativa que apresenta um recorte, um resíduo ou versão baseada numa situação originária.

Assim, esse corpo-documentação não se move de modo determinado, mas sim específico. E nessa especificidade operam forças perceptivas como a *transição*, a *duração* e a *fabulação*.

## 7.

O corpo-documentação aponta linhas que estão em transição contínua.

A transição não é um lugar qualquer. É um desvio no processo que garante justamente a sua continuidade.

Trabalhar em torno da transição tem a ver com perceber algumas estabilidades e não parar nelas, me parece. Reconhecer um corte, um desvio e uma diferença, dentro do fluxo, e ver a expressão da continuidade através disso. Continuidade essa que vai se fazendo através de descontinuidades.

Um dos movimentos que indicam uma transição são as inflexões<sup>13</sup>.

Um ponto de inflexão é um ponto máximo na curva, um estado limite que pode atingir uma situação antes de mudar seu direcionamento. É um ponto de ruptura, uma dobra, uma tendência que vira o campo da percepção. Uma mudança de linha que transforma uma trajetória que vinha sendo percorrida fazendo sentir uma diferença na experiência.

A partir da inflexão, sabemos que acontece uma mudança de qualidade. Ela pode indicar uma mudança completa de direção, ou não. Ou apenas garantir a continuidade de um movimento afinando com uma tonalidade outra. A inflexão pode abrir, fechar ou mudar a qualidade da situação, tornando-a mais nítida, mais esfumada, mais aprofundada, mais lisa.

Nem toda tendência se torna uma inflexão. Muitas

12 - Recomento a leitura de Agostinho, Margarida, "Documentação" in *Pedras'14*, o futuro foi assim. Lisboa: edições de autor, 2014. P. 132-133.

13 - Manning, 2016, p. 117-118.



apenas existem e passam. Ou são quase uma inflexão. O quase também é uma diferença que mantém viva uma experiência, gera uma atenção na situação às suas mudanças potenciais<sup>14</sup>. É um potencial que está ali vivo e tem muita elasticidade porque não tem cabimento. É uma ressonância sem forma e tempo exatos.

As inflexões abrem intervalos<sup>15</sup>. São eles que dão a ver o modo como o movimento é, a sua qualidade. Intervalos que são abertos por inflexões reconfiguram o tempo da experiência. Um alinhamento agora num futuro que está em formação, um lugar onde ainda não há categorizações.

14 - Manning diz que o “quase” é o mais-que da experiência no fazer. Esse excedente, segundo ela, é elástico e não tem forma como tal, porém é sentido em sua ressonância e contribui com o modo como as inflexões criam suas direções (Manning, 2016, p. 119).

15 - Manning, 2016, p. 120.

## 8.

As variações da qualidade do tempo é outro aspecto que interessa ao corpo-documentação. Ouvir o diferencial dos ritmos, de velocidade, de cadência, de sincronia muda a maneira como a duração é sentida.

Duração seria uma sintonização do tempo não como sucessão, mas como tonalidade e pulsação<sup>16</sup>. Quando se trata de duração, não há tempo ou espaço que se estabeleça antes do encontro. Ela se dá na sua própria elaboração e não tem um modo linear de operar. Não existe um antes, um agora e um depois, mas sim qualidades do tempo, que pode se expandir, encolher, dilatar.

Quando se move, esse corpo procura trazer à superfície as nuances da duração, em um tempo cíclico e em espiral. Essa espiral é um movimento que insiste em retornar sempre em pontos específicos, mas sem estar exatamente no mesmo lugar a cada volta. Esse retorno da espiral abre espaço no tempo e dá a ver as possíveis variações na qualidade, seus ritmos, sua cadência. Esse espiralamento das dimensões do tempo cria uma condição que mobiliza, através da volta, a criação de espaços vazios, os tais intervalos.

O modo como esse diferencial do tempo atravessa a ação cria uma qualidade específica que revela as tonalidades desse entre. Essas tonalidades envolvem a incompletude e o desfasamento do corpo sempre, como já sabemos. E empurram a matéria para suas bordas, para o que é intuído, para o que está invisível, mas pode ser sentido

16 - Manning, 2016, p. 49.



[3]

*Largo dos Trigueiros, Nuno Silva*

e, portanto, é uma memória do futuro<sup>17</sup>. Memória não do que foi, mas do que pode vir a ser.

Ativada pelo movimento da duração, a memória do futuro seria o futuro pulsando como experiência em formação. Ela aponta uma tendência que, ao invés de se instalar na experiência, move-se através dela, nas dobras simultâneas da duração. E é nessa abertura tão selvagem que a dança acontece na sua maior potência.

17 - Manning usa a expressão “memória do futuro” quando escreve sobre a noção de *artfulness*, adentrando nos potenciais de variação relacionados à sensação do tempo (Manning, 2016, p. 48-50).



## 9.

Com isso, esse corpo em estado de documentação direciona a atenção também para o que está para além do que é considerado importante ou válido naquela experiência, criando condições para a emergência de realidades que ainda não são mapeáveis. Ele busca se mover no limite da fabulação<sup>18</sup>.

A fabulação seria um exercício de percepção das potencialidades ficcionais presentes. Ela se dedica a deslocar e trazer à superfície outra configuração da situação, expondo a experiência a uma mudança de qualidade na maneira como a narrativa percebe a si mesma e no modo como nossas memórias se localizam.

São realidades que interveem no cotidiano, compondo no espaço entre o que pode ser descrito e o que não pode. Essas realidades, em geral, não aparecem logo. Elas reorientam a amplitude da experiência, abrem caminhos para o que não está ainda perceptível, para o que não "existe" como fato, para o desdobramento dela. Elas apresentam a tal força diferencial do não-ainda e empurra a experiência para as possibilidades do "e se?", fazendo com que outros valores estejam em jogo.

Essa fabulação me parece que tem a ver com perceber as inúmeras possibilidades instauradas pelas variações dos gestos menores, e considerar compor com mais de uma possibilidade dada. O que pode dar início a outra história.

<sup>18</sup> - O termo fabulação aparece aqui a partir de discussões de Erin Manning e de Christine Greiner. Ver livro: Greiner, Christine, *Fabulações do corpo japonês e seus microativismos*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

## 10.

Esse corpo que dança em estado de documentação se torna quem vai sendo a partir de como ele se relaciona com essas qualidades. É um corpo que afirma a urgência de trabalhar começando sempre pelo meio, testando os limites de como o movimento pensa, no rigor da prática contínua de pensar em movimento sobre a diferença das coisas.

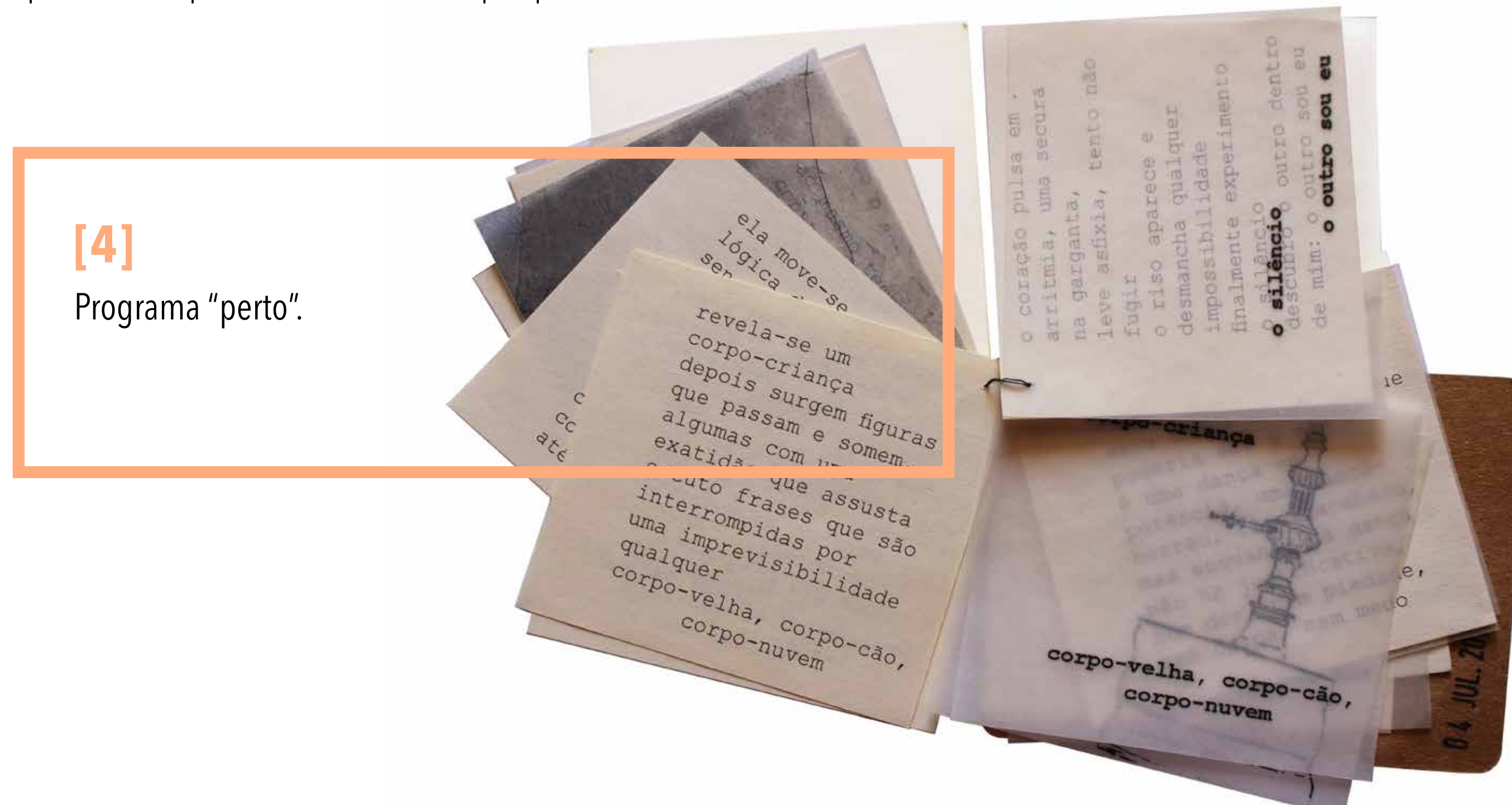
Ele se engaja em afirmar a coerência das fissuras, das dobras, dos buracos, das falhas, das curvas, dos desvios, da tenacidade da linha de um processo que ainda não se configurou, que está sempre a caminho. Um corpo que se

move afirmativamente antes do assunto, em direção a uma tendência que ainda não se sabe o que é.

Então ele acaba por criar mais uma tonalidade, uma vibração, uma cor, uma ressonância, uma força afetiva, do que um objeto-dança com definições claras e objetivas. O corpo-documentação se lança para a ação, numa tentativa de criar condições que permitam tocar, mesmo que pelas frestas, no modo como esses mundos em formação se expressam. É isso que o mantém vivo, me parece.

### [4]

#### Programa "perto".





# ALTERIDADE URBANA

## ERRÂNCIA COMO MÉTODO

JULIA SALEM





# ALTERIDADE URBANA

## ERRÂNCIA COMO MÉTODO

JULIA SALEM

Dessa relação do corpo com o ambiente, com o espaço, está sempre implicado o paradoxo da comunhão e da separação, possivelmente relacionado a essa primordial ligação a uma unidade que, em tempos anteriores, era a natureza. A construção da cidade é a manifestação desse paradoxo: revela essa separação e, ao mesmo tempo, busca manter através de uma pseudointegração social, esse sentimento de estarmos ligados a um todo unitário.

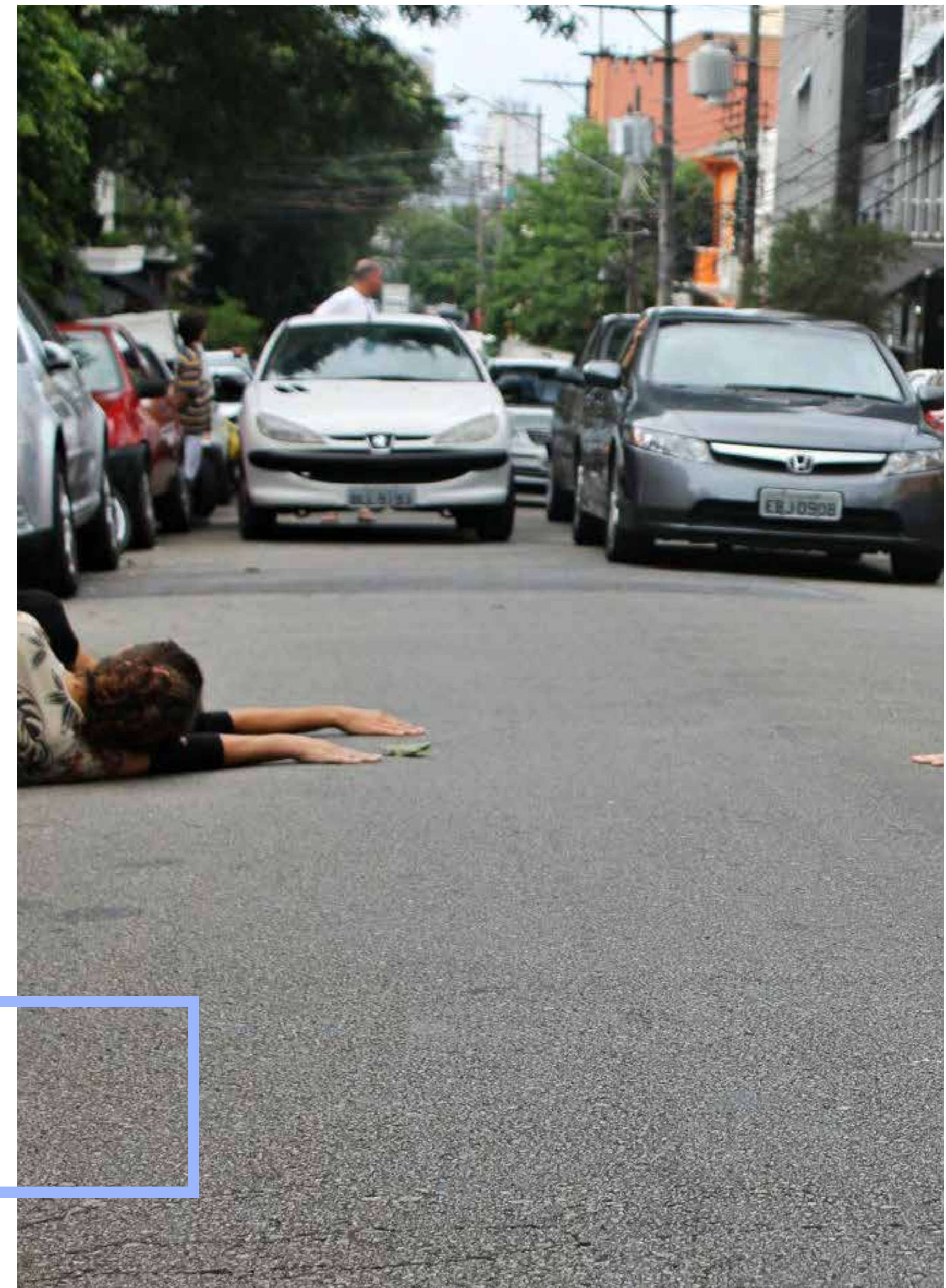
O espaço público das cidades, esse espaço comum, oferece aos corpos, por um lado, certa mobilidade de ir e vir e certa autonomia de livre circulação. Por outro, limitações ao seu modo de ser e estar, permanecer ou circular, fundadas em uma legislação que ordena o próprio surgimento destes espaços da *polis* (lei). Curiosamente, essa legislação urbana, tem o intuito de sustentar uma falsa noção pacificadora e consenso social, e acaba por

promover uma esterilização das diferentes experiências possíveis com o ambiente. Situo experiência aqui como a vivência, a experiência sensível e momentânea do acontecimento, muitas vezes efêmera.

A autora Paola Berenstein Jacques, enuncia que a experiência que sofre maior privação nas cidades, é a da alteridade urbana. Segundo Jacques, essa esterilização seria uma prática capitalista de *"apaziguamento"* que pretende *"[...] uma hábil construção de subjetividades e*

[1]

Núcleo de Garagem, 2012.  
Foto Felipe Torres





*desejos, hegemônicos e homogeneizados [...]”* (Jacques, 2012:13). Essa homogeneização acontece na medida em que nos é tirada a possibilidade da experiência, em especial a experiência da diferença. Uma experiência de alteridade seria a experiência de se colocar numa condição do que é o outro, distinto de si mesmo, uma capacidade social de interagir e interdepende de outros. Para Jacques, alteridade urbana é a experiência da diferença nas cidades, dos muitos outros: topografias, pessoas, situações, subjetividades, desejos. Diante deste contexto, emerge uma pergunta em torno desta relação corpo-cidade: como podem nossos corpos (re)existirem aos pseudoconsensos e homogeneização nas cidades?

Uma possível prática em relação a esta pergunta emergiu das minhas experiências pessoais com a cidade de São Paulo. O Núcleo de Garagem, um coletivo de artistas da dança e da performance do qual faço parte,

[2]

Núcleo de Garagem, 2011. Foto Luciana Arcuri

surgiu como recurso de existência, a partir da urgência de criar estratégias alternativas para viabilizar um fazer poético para além daqueles já legitimados. Assim, a sua primeira sede, a garagem e a rua de uma das integrantes do grupo, se configurou como elemento central de uma investigação em dança. Dentre as práticas que foram surgindo deste encontro diário com a rua, deitar no chão, tomar café no passeio, cruzar a rua em qua-

tro apoios, conversar com os vizinhos nas fronteiras entre os portões e a estrada, foram algumas formas de reinvenção dessa relação corpo-cidade. Essa vivência acabou revelando modos de estar em espaços públicos e privados e práticas de encontro com o outro, com os passantes ou vizinhos, a partir de uma poética da brecha, do embrenhar-se em frestas, uma micropolítica do dissenso.





[3]

Pedras 17. *En\_caminhada*  
Foto Álvaro Fonseca

[4]

Pedras 17. *Troco seu sonho por uma dança*



[5]

Pedras 17.  
*Coletivo Transverso*  
Foto Álvaro Fonseca

Desde então, esse interesse em reencontrar o espaço urbano de forma criativa insistiu: ações voltadas à investigação do espaço público como campo poético para criação em dança e também práticas de comunidade, experimentando outros modos possíveis de estar na rua. Tais práticas talvez revelem um desejo genuíno de religação ao ambiente natural ancestral que nos foi perdido, criativo e fecundo. As implicações estéticas e políticas destas ações passaram a ser matéria do meu fazer/ser artístico cotidiano. Aqui na cidade de Lisboa, nas *práticas*

*de rua* convidadas pelo C.E.M.<sup>1</sup>, essa relação corpo-cidade revelou outros afetos, topografias e situações. Frente à ação violenta do processo de gentrificação, onde o poder capital busca aniquilar as diferenças e homogeneizar hábitos, estruturas e desejos, um dos convites das *práticas de rua* é praticar comunidade com o entorno possível, experiências de encontro com as pessoas do bairro em conversas demoradas ou banais, outros modos de estar com os espaços, insistir em refazer percursos e demorar-se nas ruas, largos, becos, escadas, lojas, cafés.

<sup>1</sup> - Centro em movimento.





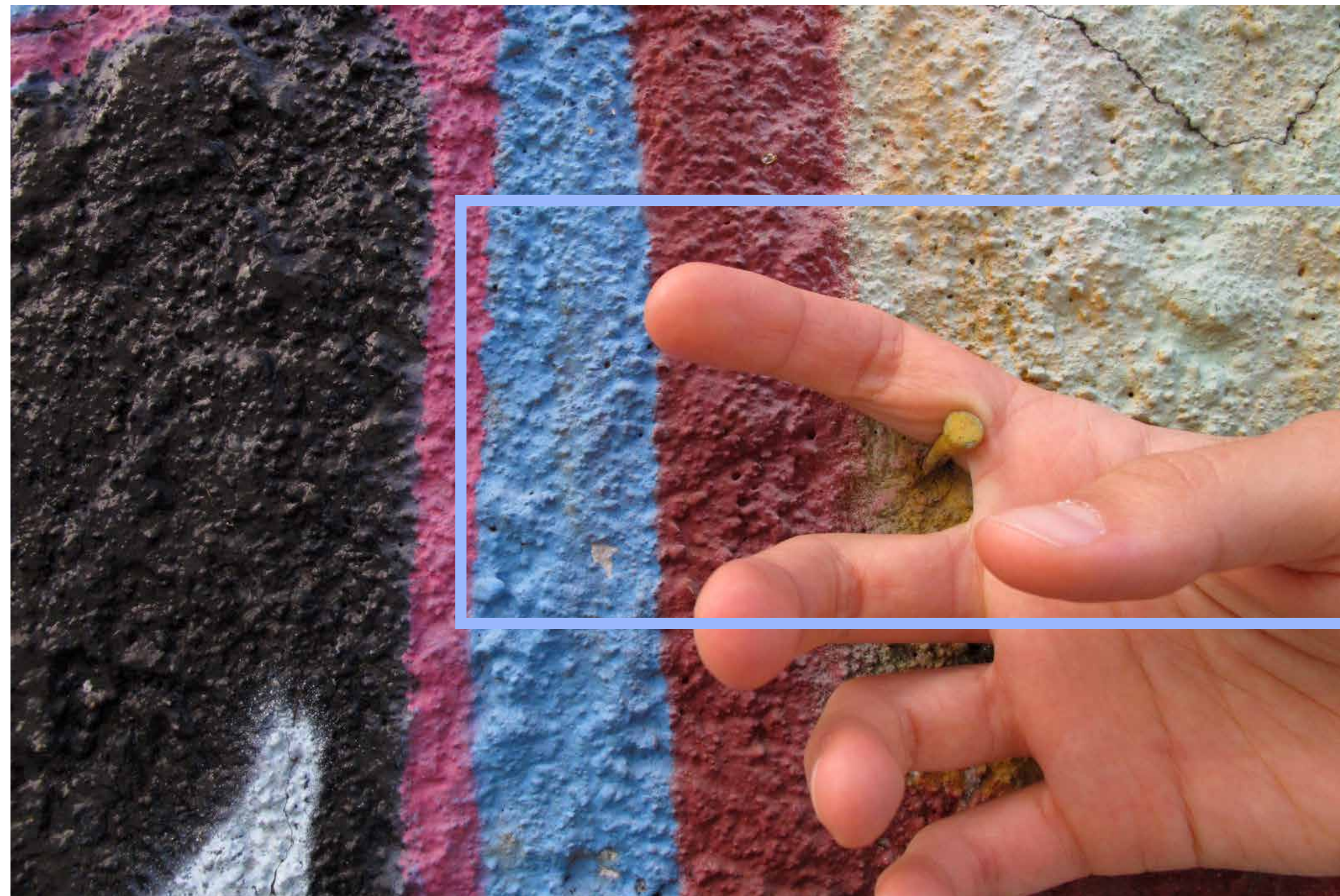
Uma política do dissenso é aquela que discorda da normatização, que gera movimento, mudança e transformação do que está fixo e estabelecido e, desde esse deslocamento, inaugura outros pontos de vista. Pelo caráter transitório das ações micropolíticas citadas anteriormente, essas práticas de *arte expandida*, comunicacional e relacional, carrega certa precariedade e efemeridade, que as possibilitam escapar de serem capturadas, normatizadas, categorizadas. O filósofo Jacques Rancière, escreve que uma diferença política tem como cerne uma precariedade eminente: "*[...] a política é sempre do momento e o seu sujeito sempre precário; uma diferença política está sempre à beira do seu desaparecimento*" (Rancière, 2010:39).

Dessa constante tentativa, através de práticas diárias, de instauração de diversas relações com a cidade, parece ter surgido a errância como método de (re)existência. A ideia de errância está ligada ao ato de vagar, andar sem destino, daquilo não fixo. O ser errante talvez busque um estado de corpo mais interessado nas práticas, percursos e situações do que em representações e planificações oferecidas pelas grandes cidades. Praticar a errância é a característica de quem erra e seu erro, aquilo que é incoerente, dúvida, de difícil caracterização, que foge à regra e que, dissensual, inventa outras narrativas para além das já legitimadas e normatizadas. A experiência de errar a cidade é, talvez, uma micro-resistência que oferece ao corpo outras possibilidade de interação e apreensão da cidade, e a criação de outros modos de estar/ser na relação com o espaço.

Esse encontro de tensionamento do corpo com o es-

paço é um constante intenso (*in tenso*): manuseio de tensão interna, que gera diferentes tensionamentos com o espaço e diferentes corporeidades. Determinada tensão do gesto, seja ele cotidiano ou extra cotidiano, transforma, modifica ou dá a ver o que já lá está no encontro com os outros e com o lugar. Esse mínimo de tensão imprime alguma diferença entre os corpos para que não amalgamem-se ou choquem-se. Embora corpos singulares, essas diferentes tensões de aproximação ou

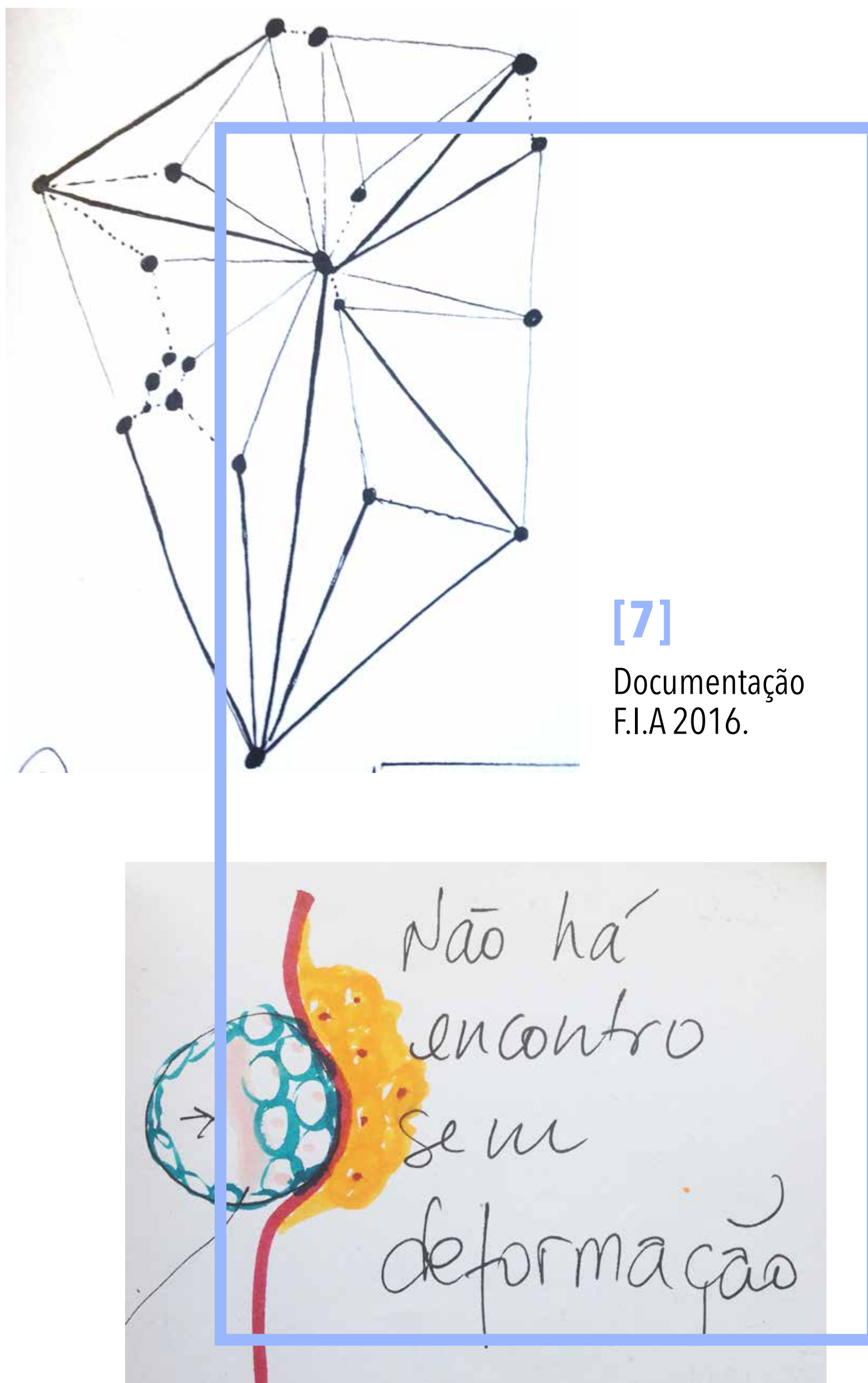
distanciamento, permitem que desloquem-se de si e deformem-se, não sendo mais um nem outro, e sim um devir terceiro: não há encontro sem deformação. É dessa deformação que surge um vazio, gerado pela pressão do encontro dos corpos, animados ou inanimados. E desse vazio, que uma constante de recriação em corpo - diferentes qualidades de presença e situações, bem como outros modos de cidades dentro de uma mesma cidade - pode emergir.



[6]

Núcleo de  
Garagem  
2012, Foto  
Luciana Arcuri





Para Hewitt, coreografia “é a disposição e manipulação de corpos, uns em relação aos outros” (Hewitt, 2005:11). Estão presentes no nosso cotidiano diversas coreografias sociais, que revelam sempre um entrelaçamento entre corpo, espaço e movimento. Os corpos assumem posições no espaço e ligam-se uns aos outros através de tensionamentos diversos, que possibilitam mais ou menos mobilidade: como se estivéssemos ligados por fios, mais frouxos ou mais tensos. Esses tensionamentos se dão em diferentes camadas, materiais e imateriais, e que formam diferentes constelações corpóreas.

Mesmo estando no espaço público, nossa fisicalidade pode sofrer certa imunização, muitas vezes por defesa aos inúmeros estímulos que sofremos. É preciso que o corpo esteja envolto em afetos comunitários, para que exista disposição de abertura para o outro, para a alteridade. O cultivar dessa pulsão comunitária, do tal desejo arcaico de fazer sobreviver uma união e uma ligação entre, talvez seja uma alternativa criativa ao *modus operandi* das cidades, nomeadamente os processos de singularização, que acabam por incluir experiências individualistas e de segregação, fundamentalmente.

Criar corpos livres em alguma esfera que seja, poderá ser recriar, em práticas cotidianas ou extra cotidianas, outras relações possíveis com os espaços da cidade que cultivem o desejo de continuar e a encontrar esse outro, esses muitos outros que somos, a nossa multidão pessoal e coletiva. Errar a cidade em alguma medida, pode talvez nutrir essa condição da diferença sustentando a nossa infinita multiplicidade de seres. A alternativa para minimizar o risco do achatamento ho-

mogêneo, reparar os violentos danos sociais aos quais estamos sujeitos e não sucumbir à perda da possibilidade de experimentar a cidade de modo ainda sensível, seria possivelmente a preservação da possibilidade da diferença, que o erro e o dissenso cultivam, através do sentimento e prática dessa alteridade urbana.

### Referências bibliográficas

RANCIÈRE, Jacques. *Dissensus: On Politics and Aesthetics*. London/ New York: Continuum, 2010.

LEPECKI, André. *Coreopolítica e Coreopolícia*, UFSC, 2012, Florianópolis- SC.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos Errantes*, EDUFBA, 2012, Salvador-BA.

HEWITT, Andrew. *Social Choreography: Ideology as Performance in Dance and Everyday Movement*. Durham/London: Duke University Press, 2005.



# A RESSONÂNCIA DO TURISMO EM LISBOA

DANIEL PAIVA  
E IÑIGO SÁNCHEZ





# A RESSONÂNCIA DO TURISMO EM LISBOA

DANIEL PAIVA  
E IÑIGO SÁNCHEZ<sup>1</sup>

É interessante que o atual processo de turistificação de Lisboa tenha sido comparado ao terramoto de 1755 porque o evento sísmico tem uma dimensão sonora importante<sup>2</sup>. Para além de destruição, as vibrações dos terremotos produzem ondas sonoras na atmosfera que são audíveis durante ou imediatamente antes do evento<sup>3</sup>. O som que é produzido é frequentemente descrito como um rugido, um trovão, ou uma

explosão<sup>4</sup>. Uma parte significativa destas ondas sonoras estão abaixo do limite de audição humana, mas muitas espécies de animais são capazes de as captar, o que tem levado cientistas a tentar compreender como a percepção dos animais pode ser usada para prever sismos, até hoje com sucesso muito limitado<sup>5</sup>.

Estendendo a metáfora do terramoto à sua dimensão sonora, podemos imaginar como o som poderá ser um instrumento para abordar o processo de turistificação em Lisboa, cuja força disruptiva é sentida de forma desigual nas diferentes camadas sobre as quais assenta

a vida urbana da cidade. Que novas possibilidades para pensar nos oferece o som? Um ponto de partida para responder a esta questão pode ser o trabalho de Veit Erlmann<sup>6</sup> sobre ressonância.

Erlmann contesta a ideia de que a racionalidade moderna tem sido unicamente substanciada pela ideia de reflexão, e apresenta a ressonância como uma metáfora alternativa para o raciocínio. A reflexão é a metáfora básica para o pensamento que fundamenta o racionalismo cartesiano, no qual o conhecimento racional advém da mente que pensa, uma entidade separada do corpo sensorial que pode ser enganado por sensações e emo-

1 - INET-MD, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. A investigação conducente a este capítulo é financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através do projeto *Sounding Lisbon as Tourist City: Sound, Tourism and the Sustainability of Urban Ambiances in the Post-industrial City* (PTDC/ART-PER/32417/2017).

2 - Left Hand Rotation. (2016). *Terramotourism*. Disponível em: <https://vimeo.com/191797954>

3 - Michael, A. (2011) *Earthquake Sounds*. In: Gupta, H. (ed.) *Encyclopedia of Solid Earth Geophysics*. Londres: Springer. doi: 10.1007/978-90-481-8702-7

4 - Tosi, P., De Rubeis, V., Tertulliani, A. & Gasparini, C. (2000). Spatial patterns of earthquake sounds and seismic source geometry. *Geophysical Research Letters*, 27 (17), 2749-2752.

5 - Woith, H., Petersen, G., Hainzl, S. & Dahm, T. (2018) Review: Can Animals Predict Earthquakes? *Bulletin of the Seismological Society of America*, 108 (3A), 1031-1045.

6 - Erlmann, V. (2010). *Reason and Resonance: A History of Modern Aurality*. Brooklyn: Zone Books.



ções. Na metáfora da reflexão, “tal como o espelho reflete as ondas de luz sem que a sua própria substância seja afetada, a mente representa o mundo exterior enquanto ao mesmo tempo se mantém separada dele”.<sup>7</sup> Neste sentido, a reflexão estabelece uma separação absoluta entre sujeito e objeto, entre aquele que percebe e aquilo que é percebido.

O conhecimento então torna-se objetivo, porque se foca nas propriedades dos objetos, sem a parcialidade do observador. Ao mesmo tempo, o conhecimento racional objetivo é associado à visão.

Por outro lado, a ressonância é o absoluto oposto da reflexão, pois nenhum limite é estabelecido entre quem percebe e aquilo que é percebido. A ressonância implica a conjunção de sujeitos e objetos através de uma sensação, afeto, ou experiência partilhada. Este modo de entender o pensamento tem sido frequentemente descrito como uma característica de culturas orais pré-modernas ou não-Ocidentais, mas Erlmann contesta a ideia de que a razão moderna é exclusivamente ancorada na reflexão e no pensamento visual, e apresenta uma história da presença da metáfora da ressonância na filosofia moderna, desde o período Romântico à fenomenologia contemporânea.

7 - Erlmann, 2010, p. 9.

[1]

Movimento de consumidores e turistas na Rua Garrett, Chiado. Fonte: autores.

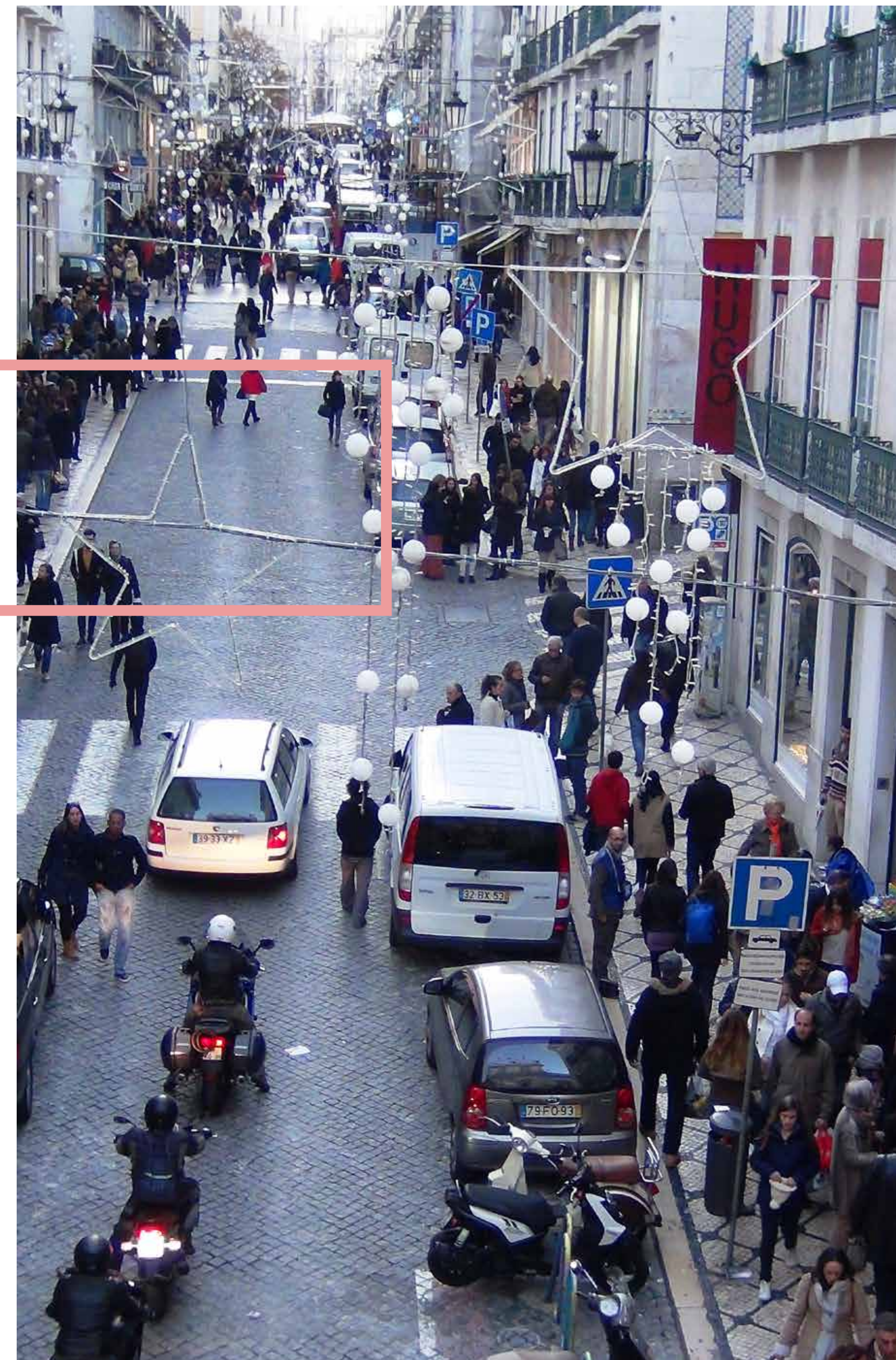
Estudar a turistificação de Lisboa de um modo ressonante implica então perceber os múltiplos ecos que este processo tem provocado. Implica ir para além dos estudos focados no olhar do turista<sup>8</sup>, mas também requer não nos contentarmos com dirigir esse foco apenas para o ouvido do turista<sup>9</sup>.

O campo florescente das geografias sónicas<sup>10</sup> tem tornado evidente a multiplicidade de abordagens possíveis ao som e o modo como o som nos desvenda coisas que não nos são acessíveis através dos outros instrumentos de observação que temos ao nosso dispor. O som emerge de todos os corpos humanos e não humanos,

8 - Urry, J. (1990). *The tourist gaze*. Londres: SAGE.

9 - Waitt, G. & Duffy, M. (2010) Listening and tourism studies. *Annals of Tourism Research*, 37(2), 457-477.

10 - Paiva, D. (2018). Sonic geographies: Themes, concepts, and deaf spots. *Geography Compass*, 12(7), e12375.







[2]

Selficação do Miradouro de Santa Luzia, Alfama. Fonte: autores.

todos os materiais terrestres e atmosféricos, todos os objetos, máquinas, e outras tecnologias, e ressoa em todos estes. O som transmite diversas formas de conhecimento ambiental, desde formas representacionais como discursos e sinais, a formas não-representacionais como afetos e emoções. Deste modo, o som abre um espaço de emergência, comunicação, contacto e, consequentemente, diferença. É assim, também, um campo disputado, e uma maior atenção ao potencial político do espaço sonoro oferece oportunidades interessantes para abordar questões complexas como a turistificação da cidade.

O turismo é hoje um hiper-objeto. Timothy Morton<sup>11</sup> definiu os hiper-objetos como as coisas que estão tão massivamente distribuídas no tempo e no espaço que não podem ser compreendidos se estudados a partir de uma única localização. Apesar de transcenderem a localização, os hiper-objetos são viscosos, e aderem a qualquer outra coisa com que entram em contacto. Eles formam ligações com todos os outros objetos, e é apenas através da sua ação nos outros objetos que podemos compreender a dimensão de um hiper-objeto. O aquecimento global e a radioatividade são hiper-objetos, e o turismo também.

11 - Morton, T. (2013). *Hyperobjects: Philosophy and Ecology after the End of the World*. Londres: University Of Minnesota Press.



O turismo enquanto hiper-objeto ressoa em todos os cantos de Lisboa. Ressoa debaixo da terra, no movimento do metropolitano e dos comboios. Ressoa no fundo do estuário do Tejo, com a poluição dos cruzeiros e os infrassons dos seus motores. Ressoa nas ruas, nas lojas, e dentro das habitações, onde ecoa o burburinho dos turistas. Ressoa na atmosfera, com o voo rasante dos aviões que chegam e partem. Abordar a ressonância deste hiper-objeto é um meio privilegiado para compreender os múltiplos impactos que tem na paisagem lisboeta não só em termos da ecologia acústica, mas também a nível financeiro, comercial, habitacional, social, político, e urbanístico.

Neste sentido, é importante não apenas escutar, mas também atender à multiplicidade de seres que ouvem e produzem sonoridades no processo de turistificação da cidade. Importa compilar estas escutas e estas sonoridades, e mapeá-las, permitindo que elas desvendem as diversas facetas deste fenómeno, entrem em diálogo e, com alguma sorte, descubram uma possível coabitação.





# BIOGRAFIAS

## RICARDO VENÂNCIO LOPES

Arquitecto e fotógrafo, mestre em arquitectura pelo ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa. Investigador no DINAMIA'CET (bolseiro de doutoramento) e professor convidado do ISCTE-IUL, no departamento de Economia Política. Autor de diversas publicações, apresentações e intervenções artísticas na área de estudos urbanos, arquitectura, criatividade e cultura. Ricardo é membro da cooperativa Bagabaga Studios; da publicação de jornalismo - Divergente.pt; e, do atelier de arquitectura Traça.

## PEDRO COSTA

Professor Auxiliar do Departamento de Economia Política do ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa) e director do DINÂMIA'CET-IUL, onde coordena a linha de investigação "Cidades e Territórios". Economista, doutorado em Planeamento Regional e Urbano, tem trabalhado sobretudo nas áreas da economia da cultura e do planeamento e desenvolvimento do território, focando a sua investigação, entre outros aspectos, no papel das actividades culturais no desenvolvimento territorial, nas relações das dinâmicas criativas com o território, ou nas estratégias de promoção do desenvolvimento local. Tem colaborado em diversos projectos, particularmente nos domínios do planeamento, do desenvolvimento regional/local e das actividades culturais.

## AGUSTÍN COCOLA-GANT

Investigador no Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. É especialista em turismo e transformação urbana. Atualmente é o investigador responsável do projeto Smartour: turismo, alojamento local e reabilitação, financiado pela FCT (PTDC/GES-URB/30551/2017).



## ANA GAGO

Licenciada em Arquitetura pelo Instituto Superior Técnico e mestre em Turismo e Comunicação pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Assistente de investigação no projeto SMARTOUR: Turismo, alojamento local e reabilitação: políticas urbanas inteligentes para um futuro sustentável. Doutoranda em Geografia no Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

## ANA JARA

Arquitecta, cenógrafa e investigadora em estudos urbanos. Co-fundadora do atelier Artéria, a partir do qual tem desenvolvido uma prática prospectiva, exploratória e usando metodologias de investigação-acção num enquadramento interdisciplinar, para criar projectos e programas de intervenção urbana, a partir da relação com os lugares, das necessidades e desejos das comunidades. Doutoranda no ISCTE-IUL. Foi professora na Escola de Arquitectura de Umeå, na Suécia e no IADE. Desde 2018 é vereadora na Câmara Municipal de Lisboa.

## MARIANA VIANA

Dedica-se à criação e investigação em dança a partir de uma perspectiva transdisciplinar, com foco na relação corpo, escrita e documentação. Sua formação artística se inicia no teatro em 2003, encontra brechas e outros caminhos na graduação em Comunicação Social, e se desenvolve mais especificamente entre o curso de Comunicação das Artes do Corpo com habilitação em Dança, na PUC/SP, e o c.e.m. - centro em movimento, em Lisboa, Portugal. Vive e trabalha entre Lisboa e São Paulo.



# BIOGRAFIAS

## IÑIGO SÁNCHEZ

Doutor em Antropologia pela Universidad de Barcelona. Na atualidade trabalha como investigador auxiliar contratado no Instituto de Etnomusicologia (INET-MD) da Universidade Nova de Lisboa, onde coordena o projeto de investigação Sounds of Tourism financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/ART-PER/32417/2017). Para mais informações, consulte o website [www.inigosanchez.com](http://www.inigosanchez.com).

## JULIA SALEM

Nascida em 1982, São Paulo, Brasil. A artista, que reside atualmente em Lisboa onde cursa o mestrado em Comunicação e Artes na Universidade Nova de Lisboa, é graduada em Comunicação das Artes do Corpo na Pontifícia Universidade Católica PUC-SP, com habilitação em dança e performance. Interessada em projetos interdisciplinares e em novas formas e meios colaborativos para uma criação e compartilhamento em arte, informação partilhada e auto-organização, microativismos e afetos, vem atuando desde 2009 nos grupos Núcleo de Garagem e Coletivo entre 1 e 2. Cursou a F.I.A. no C.E.M em 2017 e entrou para o programa de mestrado em Comunicações e Artes na UNL, Lisboa. Atualmente desenvolve projetos em colaboração, e pesquisa solo abordando os binômios arte-acontecimento, estrutura-dinamismo, ação-observação e forma-abertura. Em seus trabalhos artísticos busca criar afecções entre pessoas e espaços, entre corpos e mundo, teorias e práticas que giram em torno dos temas arte, jogo, encontro e experiência.

## DANIEL PAIVA

Doutor em Geografia pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. É desde 2011 investigador do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, tendo colaborado em vários projetos de investigação nacionais e internacionais na área da geografia urbana, cultural, e histórica (Chronotope, Ágora, NoVOID, Saberes Geográficos, Phoenix). Atualmente, está ligado ao projeto de investigação Sounding Lisbon as Tourist City: Sound, Tourism and the Sustainability of Urban Ambiances in the Post-industrial City (PTDC/ART-PER/32417/2017) do Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. A sua investigação foca-se na experiência do espaço urbano, com destaque para a experiência do tempo, do som, e da natureza urbana. Os seus estudos foram publicados em várias revistas científicas como a Geography Compass, Cultural Geographies, Journal of Historical Geography, Space and Culture, Geografiska Annaler: Series B, Human Geography, e Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie.



# BIOGRAFIAS

## ANA ESTEVENS

Geógrafa, doutorada em Geografia Humana pela Universidade de Lisboa e investigadora efectiva no Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. A sua investigação de doutoramento, em Geografia Humana, debate a complexidade das relações sociais que se estabelecem na cidade contemporânea, abordando mais especificamente o conceito de conflito. Nesta investigação, utilizou metodologias etnográficas numa abordagem qualitativa, onde privilegiou a prática de estar na rua e as experiências sensoriais que daí advêm, em dois bairros: a Mouraria, em Lisboa, e o Raval, em Barcelona. Deste trabalho resultou o livro “A cidade neoliberal. Conflito e arte em Lisboa e em Barcelona”, editado em 2017. Ao longo do seu percurso, tem feito investigação no Centro de Estudos Geográficos e leccionado na unidade curricular de Geografia Cultural e Social no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Nos últimos anos, tem-se dedicado a reflectir sobre o modo de produzir cidade na contemporaneidade, o que a aproximou do trabalho desenvolvido no c.e.m. - centro em movimento a partir de 2011 e a levou a desenvolver/partilhar ideias de investigação/documentação. É coordenadora do projecto Ágora - Encontros entre a Cidade e as Artes: Explorando Novas Urbanidades [PTDC/ATP-GEO/3208/2014].

## FILIPPE MATOS

Investigador associado do Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Desde 2008 tem colaborado, enquanto bolseiro de investigação, em projetos de investigação nacionais e internacionais no domínio da geografia urbana, geografia do comércio, geografia social e cultural, desenvolvimento local e intervenção comunitária. Em 2011, concluiu o Mestrado em Gestão do Território e Urbanismo e desde 2013 frequenta o Doutoramento em Geografia, no âmbito do qual desenvolveu um projeto de investigação-ação que aborda as temáticas de desenvolvimento local/comunitário, governança participativa e inovação social. Paralelamente tem participado e promovido projetos de cidadania ativa, nomeadamente por via associativa. Também no âmbito do projeto de doutoramento, co-fundou o Centro de Convergência de Telheiras e co-promoveu a criação da Parceria Local de Telheiras. É assistente de investigação no projeto Ágora - Encontros entre a Cidade e as Artes: Explorando Novas Urbanidades.

## SOFIA NEUPARTH

Tem um percurso singular no seio da Arte Contemporânea em Portugal. No final dos anos 80, reconhecendo a urgência de um espaço de experimentação que praticasse a Arte enquanto forma de Conhecimento e exercitasse o “entre-corpos” criou o c.e.m - centro em movimento, uma estrutura de investigação artística nos estudos do Corpo, do Movimento e do Comum. Abrindo a experiência da dança ao encontro com outras formas de conhecimento como a escrita, a embriologia, a filosofia, a geografia crítica ou a antropologia emergiram encontros com gentes de todo o mundo que atravessam e tecem em continuidade a especificidade de um trabalho onde se constata a cada momento que não se é Corpo sozinho. Desde 2005 que, com a equipa de investigadores do c.e.m - centro em movimento, desenvolve um trabalho contínuo, crítico e imersivo com pessoas e lugares de Lisboa.



# CRIAR CORPO, CRIAR CIDADE VOL.2

Durante os primeiros meses de 2019, o c.e.m. - centro em movimento voltou a abrir as suas portas para um segundo ciclo dos seminários de investigação CRIAR CORPO CRIAR CIDADE. O ritmo da transformação da cidade e dos seus corpos acelera rapidamente. As partilhas do Ricardo Venâncio Lopes, do Agustín Cocola-Gant, da Ana Jara, da Mariana Viana, da Julia Salem, e da Rita Fouto serviram de rastilho para, primeiro, mais conversas e visões sobre os movimentos dos corpos na cidade: corpos embelezados, ignorados, higienizados, vedados, fotografados, valorizados, conquistados, privatizados, despejados, atraídos, expulsos, sonhados, vigiados, documentados. Uma miríade de deslocações e deambulações que se debateram em ritmo lento, sem pressa. A demora convida ao aparecer da cidade emudecida, dos corpos possíveis que criam espaços onde se pode existir. Esta 2ª edição do CRIAR CORPO CRIAR CIDADE percorreu caminhos que nos levaram aos contextos mais periféricos da cidade, abordámos o seu centro e as dinâmicas do investimento imobiliário, da privatização, da turistificação e da especulação, aprofundámos o conhecimento sobre a presença do corpo no espaço e sobre outras formas de estar. Continuámos este diálogo colectivo abrindo espaços de reflexão e ressonância em cada um(a) que agora partilhamos neste e-book de acesso aberto a todos.

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



**c.e.m**  
www.c-e-m.org

